INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Território Cidade, Território Lugar
Percorrido pelo olhar

Maria Inês Amado Vieira

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientadores:

Professor, Doutor, Arquiteto Pedro Alexandre Aguiar Mendes,
Professor Auxiliar, Iscte, Instituto Universitário de Lisboa

Arquiteto Pedro Viana Botelho, Professor Catedrático Convidado,
Iscte, Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2023

TECNOLOGIAS
E ARQUITETURA

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Território Cidade, Território Lugar

Maria Inês Amado Vieira

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientadores:

Professor, Doutor, Arquiteto Pedro Alexandre Aguiar Mendes,
Professor Auxiliar, Iscte, Instituto Universitário de Lisboa

Arquiteto Pedro Viana Botelho, Professor Catedrático Convidado,
Iscte, Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2023

Território Cidade, Território Lugar
Percorrido pelo Olhar

Maria Inês Amado Vieira

Orientadores:

Arquiteto Pedro Mendes
Arquiteto Pedro Botelho

Iscte, Instituto Universitáio de Lisboa
Lisboa, outubro 2023

Agradecimentos

Aos meus pais e irmão que tornaram este percurso possível,
Aos professores Pedro Mendes e Pedro Botelho pelo desafio e acompanhamento,
À Sofia, ao João e à Bea pelo apoio e carinho,
E a todos os que tornaram este caminho mais bonito.

Resumo

A cidade das Caldas da Rainha carrega lugares e vazios urbanos desconectados da mesma. Neste sentido, o trabalho de projeto de mestrado propõe estabelecer novas articulações em espaços significativos da cidade capazes de cerzir a malha urbana existente, melhorando a vivência na cidade.

Inicia-se o trabalho com uma análise da cidade abordando temas como a evolução histórica, aspetos sociais, económicos, culturais e biofísicos. Foram feitas análises *in situ* fundamentadas na importância do caminhar no reconhecimento das caracteristicas cidade. A partir desta análise reconhecem-se três características a melhorar: falta de espaços verdes, excesso de estacionamento e carros na via pública e a densidade do edificado na zona central da cidade.

O trabalho foca-se na zona norte da cidade tendo como objetivo integrá-la e cerzi-la à restante, promovendo melhores ligações pedonais, mais espaços verdes e de permanência e consequentemente uma melhor qualidade de vida para quem dela usufrui. Deste modo, a proposta passa pela ocupação de vazios recorrendo o mínimo possível à construção, utilizando-a apenas no remate de quarteirões e empenas e em pontos estratégicos para melhor organizar o espaço. Tendo em conta o carácter social do lugar os programas propostos passam pela restauração, habitação coletiva e um Centro de Reinserção Social.

Ao longo do desenvolvimento da proposta é aprofundado o tema da relação entre o espaço privado e o espaço público. Entendem-se os conceitos percebendo-se qual o desenho da fronteira e do limite entre os espaços e qual sua materialidade.

Palavras-chave:
Caldas da Rainha | Espaço Privado | Vazios Urbanos | Espaço Público | Permeabilidade

Abstract

The city of Caldas da Rainha contains places and urban voids disconnected from it. In this sense, the master's project proposes to establish new articulations, in significant spaces in the city, capable of bridging the existing urban fabric, improving the experience in the city.

The work begins with an analysis of the city, covering topics such as historical evolution, social, economic, cultural and biophysical aspects. In situ analyzes were carried out based on the importance of walking in recognizing the city's characteristics. From this analysis, three characteristics that need to be improved are recognized: lack of green spaces, excess parking and cars on public roads and the density of buildings in the central area of the city.

The work focuses on the northern part of the city with the aim of integrating and darning it with the rest, promoting better pedestrian connections, more green and permanent spaces and consequently a better quality of life for those who use it. In this way, the proposal involves occupying voids using as little construction as possible, using it only to finish off blocks and gables and in strategic points to better organize the space. Taking into account the social nature of the place, the proposed programs include restoration, collective housing and a Social Reinsertion Center.

Throughout the development of the proposal, the theme of the relationship between private space and public space is deepened. The concepts are understood by understanding the design of the border and limit between spaces and their materiality.

Key-words:
Caldas da Rainha | Private Space | Urban Voids | Public Space | Permeability

Índice

Índice
1. Introdução 18
2. Leitura Crítica do Território 22
    2.1 Análise do Terreno 24
    2.2 Evolução Histórica 30
        2.2.1 Origem 31
        2.2.2 Crescimento da vila das Caldas 32
        2.2.3 Atividade Termal 34
        2.2.4 De vila a cidade das Caldas da Rainha 36
        2.2.5 Cerâmica 38
    2.3 Mobilidade 40
        Vias de Comunicação de acesso à cidade
        Transporte Público de acesso à cidade
        Mobilidade Interna
        Mobilidade Interurbana
    2.4 Análise SWOT 46
    2.5 A Cidade dos Dias de Hoje 50
        2.5.1 Edifícios Relevantes 51
            Hospital Termal
            Mercado da Fruta
            Praça 5 de Outubro
            Parque D. Carlos I
            Estação de Comboios
            Antiga Fábrica Bordalo Pinheiro
            Antigas Fábrica SECLA
            Praça 25 de Abril
            Silos
            Escola de Segurança e do Exército
            Escola Superior de Artes e Design
            Centro Cultural e de Congressos Caldas da Rainha
3. Projeto 66
    3.1 O Lugar 70
        3.1.1Evolução Histórica do lugar 74
    3.2 O privado e o público 78
        3.2.1 Limites e fronteiras 80
        3.2.2 Materialidade 84
        3.2.3 O público e o privado 85
    3.3 Proposta 86
        3.3.1 Processo Criativo 108
4. Conclusões 114
5. Mapa de referências 116
6. Referências Bibliográficas 122

Índice de Figuras

Figura 1 - Localização do Concelho das Caldas da Rainha em Portugal. Esquema elaborado tendo como base o Google Earth Pro. Autor: Sofia Ferrinho, 2023.
Figura 2 - Esquema representativo das linhas de àgua dentro das Freguesias de Santo Onofre e Nossa Sr. do Pópulo. Esquema elaborado tendo como base o programa QGIS. Autor: Sofia Ferrinho, 2023.
Figura 3 - Planta de layers da cidade das Caldas da Rainha. Planta elaborada pela turma 1 do 5º ano do ano letivo 2022/2023. Autor: turma, 2023.
Figura 4 - Fotografia da maqueta elaborada pela turma à escala 1:2000. Autor: Sofia Ferrinho, 2023.
Figura 5 - Ortofotomapa da cidade das Caldas da Rainha. Autor: turma, 2023.
Figura 6 - Planta da Vila das Caldas de 1742, da autoria de João Pedro Ludovice. Fonte: SERRA, João Bonifácio - **21 anos, pela História, Caldas da Rainha**. Caldas da Rainha: PH - Estudos e Documentos, 2003. p. 54.
Figura 7 - Domínios Senhoriais Finais do Século XV. Fonte: SERRA, João Bonifácio - **21 anos, pela História, Caldas da Rainha**. Caldas da Rainha: PH - Estudos e Documentos, 2003. p. 279.
Figura 8 - Limites Aproximados do Termo da Vila das Caldas de 1511. Fonte: SERRA, João Bonifácio - **21 anos, pela História, Caldas da Rainha**. Caldas da Rainha: PH - Estudos e Documentos, 2003. p. 293.
Figura 9 - Hospital antes do 3º piso projetado por Rodrigo Berquó. Fonte: SERRA, João Bonifácio - **21 anos, pela História, Caldas da Rainha**. Caldas da Rainha: PH - Estudos e Documentos, 2003. p. 309.
Figura 10 - Projeto de Rodrigo Berquó para o Hospital D. Carlos. Alçado frente poente. Fonte: SERRA, João Bonifácio - **21 anos, pela História, Caldas da Rainha**. Caldas da Rainha: PH - Estudos e Documentos, 2003. p. 390.
Figura 11 - Rodrigo Berquó, visto por Rafael Bordalo Pinheiro, 1894. Fonte: SERRA, João Bonifácio - **21 anos, pela História, Caldas da Rainha**. Caldas da Rainha: PH - Estudos e Documentos, 2003. p. 110.
Figura 12 - Chegada Imaginária do comboio às Caldas da Rainha por Rafael Bordalo Pinheiro (30 de Junho de 1887) Fonte: SERRA, João Bonifácio - **21 anos, pela História, Caldas da Rainha**. Caldas da Rainha: PH - Estudos e Documentos, 2003. p. 99.
Figura 13 - Caldas da Rainha 1925. Mapa com desenho de Fernando Correia (1893-1967) Fonte: TOMAZ, Matilde [et.al.] - **O Museu José Malhoa, as Caldas e a República: Centenário da República, 1910-2010**. - 1ª ed. - [Lisboa]: Instituto dos Museus e da Conservação - Museu José Malhoa, 2010.
Figura 14 - Plano de Urbanização da Cidade das Caldas da Rainha, de Paulino Montez, aprovado em 1953. Fonte: Câmara Municipal das Caldas da Rainha.
Figura 15 - Fábrica de Faiança das Caldas da Rainha. Fonte: SERRA, João Bonifácio - **21 anos, pela História, Caldas da Rainha**. Caldas da Rainha: PH - Estudos e Documentos, 2003. p. 314.
Figura 16 - Aspeto da loja do Pavilhão de vendas Fábrica de Cerâmica de Rafael Bordalo Pinheiro (foto da época). Fonte: SERRA, João Bonifácio [et.al.] - **Linha do Oeste: Óbidos e Momentos Artísticos Circundantes**. Assírio&Alvim, 1998.
Figura 17 - Caldas da Rainha, Fábrica de Cerâmica de Rafael Bordalo Pinheiro.Fonte: SERRA, João Bonifácio [et.al.] - **Linha do Oeste: Óbidos e Momentos Artísticos Circundantes**. Assírio&Alvim, 1998. p.103.
Figura 18 - Esquema representativo das carreiras interurbanas da cidade das Caldas da Rainha. Esquema elaborado tendo como base a informação recolhida em RODOVIÁRIA DO OESTE. Rede de Transportes. Carreiras Interurbanas Rocaldas. [Consult. 26 Set. 2022] Autor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 19 - Esquema das ligações viárias entre a cidade das Caldas da Rainha com o resto do país. Esquema elaborado tendo como base a informação recolhida em RODOVIÁRIA DO OESTE. Rede de Transportes. Carreiras Interurbanas Rocaldas [Em linha]. Caldas Da Rainha. [Consult. 26 Set. 2022] Disponível em: http://rodoviariadooeste.pt/rede-de-transportes e POLITÉCNICO DE LEIRIA. Mapa da Cidade. Caldas da Rainha Mapa da Cidade [Em linha]. Caldas Da Rainha. [Consult. 06 Out. 2022] Disponível em: https://www.ipleiria.pt/esadcr/wp-content/uploads/sites/17/2022/03/MAPA-C-EDIFICIOS.pdf Autor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 20 - Esquema das ligações viárias da rede TOMA. Esquema elaborado tendo como base a informação recolhida em CAMARA MUNICIPAL DAS CALDAS DA RAINHA. TOMA. Projeto Piloto de Transporte Urbano [Em linha]. Caldas Da Rainha. [Consult. 26 Set. 2022] Disponível em: http://www.rb.mcr.pt/webcenter/portal/oracle/webcenter/page/scopedMD/s3cb489dd_3d2a_4d93_b095_c496cec0b515/PortalHome.jspx?wc.contextURL=%2Fspaces%2Fmcr&_afrLoop=58578830046365616&_adf.ctrl-state=1bbg00euif_26&lado=esquerda&hide=s#!%40%40%3F_ Autor: Sofia Ferrinho, 2023
Figura 21 - Fotografia da linha de comboio, 2023. Fonte: Autor. Maria Inês Vieira.
Figura 22 - Fotografia da estação de comboio, 2023. Fonte: Autor. Maria Inês Vieira.
Figura 23 - Fotografia do mercado da fruta, 2023. Fonte: Autor. Maria Inês Vieira.
Figura 24 - Fotografia de uma peça cerâmica, 2023. Fonte: Autor. Maria Inês Vieira.
Figura 25 - Fotografia do Parque D. Carlos I, 2023. Fonte: Autor. Maria Inês Vieira.
Figura 26 - Fotografia de um estacionamento, no interior de um quarteirão, 2023. Fonte: Autor. Maria Inês Vieira.
Figura 27 - Fotografia de uma ruína, 2023. Fonte: Autor. Maria Inês Vieira.
Figura 28 - Fotografia de vazios baldios, 2023. Fonte: Autor. Maria Inês Vieira.
Figura 29 - Fotografia de um estacionamento, 2023. Fonte: Autor. Maria Inês Vieira.
Figura 30 - Fotografia da ESAD, 2023. Fonte: Sofia Ferrinho.
Figura 31 - Fotografia do mercado da fruta, 2023. Fonte: Autor. Maria Inês Vieira.
Figura 32 - Fotografia da diferença de escalas, 2023. Fonte: Autor. Maria Inês Vieira.
Figura 33 - Fotografia do comércio na rua das montras, 2023. Fonte: Autor. Maria Inês Vieira.
Figura 34 - Hospital e Largo de Copa, anos 50. Fonte: RODRIGUES, Luís Nuno [et.al.] - **Terras de Água - Caldas da Rainha, História e Cultura**. Câmara Municipal das Caldas da Rainha, 1993. p.427.
Figura 35 - Fotografia do Hospital, 2023. Fonte: Autor. Maria Inês Vieira.
Figura 36 - Praça de D. Maria Pia. Fonte: RODRIGUES, Luís Nuno [et.al.] - T**erras de Água - Caldas da Rainha, História e Cultura**. Câmara Municipal das Caldas da Rainha, 1993. p.221.
Figura 37 - Sede da Associação Comercial na Praça D. Maria Pia. Fonte: RODRIGUES, Luís Nuno [et.al.] - **Terras de Água - Caldas da Rainha, História e Cultura**. Câmara Municipal das Caldas da Rainha, 1993. p.414.
Figura 38 - Fotografia do Mercado da Fruta, 2023. Fonte: Autor. Maria Inês Vieira.
Figura 39 - Praça Nova e Teatro Pinheiro Chagas. Fonte: RODRIGUES, Luís Nuno [et.al.] - **Terras de Água - Caldas da Rainha, História e Cultura**. Câmara Municipal das Caldas da Rainha, 1993. p.387.
Figura 40 - Mercado na Praça 5 de Outubro. Fonte:MANGORRINHA, Jorge – **O Lugar das Termas**. Lisboa: Livros Horizonte, 2000. p. 205.

Figura 41 - Fotografia da Praça 5 de Outubro, 2023. Fonte: Autor. Maria Inês Vieira.
Figura 42 - Regata no Lago do Parque D. Carlos I. Fonte: RODRIGUES, Luís Nuno [et.al.] - **Terras de Água - Caldas da Rainha, História e Cultura**. Câmara Municipal das Caldas da Rainha, 1993. p.365.
Figura 43 - Postal ilustrado, Parque D. Carlos I, 1923. Fonte: NETO, Jaime - **Ontem e Hoje**. Gazeta das Caldas, Caldas da Rainha, 2014.p.110.
Figura 44 - Fotografia do Parque D. Carlos I, 2023. Fonte: Autor. Maria Inês Vieira.
Figura 45 - Avenida e Largo da Estação. Fonte: RODRIGUES, Luís Nuno [et.al.] - **Terras de Água - Caldas da Rainha, História e Cultura**. Câmara Municipal das Caldas da Rainha, 1993. p.304.
Figura 46 - Imagem da Estação de Comboios, 1899. Fonte:MANGORRINHA, Jorge – **O Lugar das Termas**. Lisboa: Livros Horizonte, 2000. p.218.
Figura 47 - Fotografia da estação de comboios, 2023. Fonte: Autor. Maria Inês Vieira.
Figura 48 - Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha. Fonte: RODRIGUES, Luís Nuno [et.al.] - **Terras de Água - Caldas da Rainha, História e Cultura**. Câmara Municipal das Caldas da Rainha, 1993. p.268.
Figura 49 - Fotografia da antiga fábrica Bordalo Pinheiro, 2023. Fonte: Autor. Maria Inês Vieira.
Figura 50 - Saída da Fábrica SECLA. Fonte: NARCISO, Natacha - **Recordar a Secla que, se existisse, teria 70 anos**. 2018. [Consult. 23 Ago. 2023] Disponível em: WWW: <https://gazetadascaldas.pt/sociedade/recordar-secla-existisse-teria-70-anos/>.
Figura 51 - Fotografia do alçado mantido da fábrica SECLA, 2023. Fonte: Autor. Maria Inês Vieira.
Figura 52 - Vista do Borlão, 1950. Fonte: RODRIGUES, Luís Nuno [et.al.] - **Terras de Água - Caldas da Rainha, História e Cultura**. Câmara Municipal das Caldas da Rainha, 1993. PH: Foto Pereira. Espólio cedido pela família. p.414.
Figura 53 - Borlão antes de 1956, Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Fonte: PEREIRA, José Neto - **50 Fotografias dos anos cinquenta**. Caldas da Rainha. 1993.
Figura 54 - Fotografia da Praça 25 de abril, 2023. Fonte: Autor. Maria Inês Vieira.
Figura 55 - Imagem dos Silos, 1958/9. Fonte: PEREIRA, José Neto - **50 Fotografias dos anos cinquenta**. Caldas da Rainha. 1993.
Figura 56 - Fotografia dos Silos, 2023. Fonte: Autor. Maria Inês Vieira.
Figura 57 - Imagem do Quartel das Caldas da Rainha. Fonte: Exército Portugal. [Consult. 24 Ago. 2023] Disponível em WW < https://www.exercito.pt/pt/quem-somos/organizacao/ceme/cmdpess/df/ese>.
Figura 58 - Imagem do Quartel das Caldas da Rainha. Fonte: RAPOSO, Beatriz - **Cumprem-se hoje 62 anos da mudança do RI5 dos pavilhões do parque para o novo quartel**. 2015. [Consult. 24 Ago. 2023] Disponível em WW <https://gazetadascaldas.pt/sociedade/cumprem-se-hoje-62-anos-da-mudanca-do-ri5-dos-pavilhoes-do-parque-para-o-novo-quartel/>.
Figura 59 - Fotografia da Escola dos Sargentos do Exército, 2023. Fonte: Autor. Maria Inês Vieira.
Figura 60 - Escola Superior de Artes e Design, 2023. Fonte: Autor. Maria Inês Vieira.
Figura 61 - Hospital de Santo Isidoro antes da recuperação. Fonte: SERRA, João Bonifácio - **21 anos, pela História, Caldas da Rainha**. Caldas da Rainha: PH - Estudos e Documentos, 2003. p. 235. Autor: Joaquim António Silva.
Figura 62 - Recuperação do Hospital Santo Isidoro, Reitoria da ESAD, 2023. Fonte: Autor. Maria Inês Vieira.
Figura 63 - Imagem do Teatro Pinheiro Chagas. Fonte: RAPOSO, Beatriz - **Memórias do Salão Ibéria e Pinheiro Chagas em exposição no Museu do Ciclismo.** 2017. [Consult. 24 Ago. 2023] Disponível em WW < https://gazetadascaldas.pt/cultura/memorias-salao-iberia-pinheiro-chagas/>.
Figura 64 - Centro Cultural e de Congressos das Caldas da Rainha, 2023. Fonte: Autor. Maria Inês Vieira.
Figura 65 - Proposta da turma. Planta elaborada pela turma 1 do 5º ano do ano letivo 2022/2023. Autor: turma, 2023.
Figura 66 - Fotografia de empenas e ruínas no lugar, 2023. Autor:Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 67 - Fotografia de empenas cegas na Rua do Funchal, 2023. Autor:Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 68 - Vista da rotunda da Rua 31 de Janeiro, 2023. Autor:Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 69 - Ortofotomapa com indicação da zona de intervenção a amarelo. Autor:Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 70 - Vista da Av. General Pedro Cardoso, 2023. Autor:Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 71 - Habitação precária no meio do estacionamento, 2023. Autor:Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 72 - Arborização na Rua António Sérgio, 2023. Autor:Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 73 - Fotografia da maqueta elaborada pela turma à escala 1.2000. Autor:Sofia Ferrinho, 2023.
Figura 74 - Vista do Burlão em 1950. Fonte: RODRIGUES, Luís Nuno [et.al.] - **Terras de Água - Caldas da Rainha, História e Cultura**. Câmara Municipal das Caldas da Rainha, 1993. PH: Foto Pereira. Espólio cedido pela família. p.173.
Figura 75- Fotografia aérea das Caldas da Rainha, 1957. Fonte: Instituto Geográfico Português.
Figura 76 - Esquema representativo dos arruamentos das Caldas, elaborado pelo autor com base na Planta das Caldas da Rainha de 1926 da autoria de Fernando Correia. Fonte: SERRA, João Bonifácio - **21 anos, pela História, Caldas da Rainha**. Caldas da Rainha: PH - Estudos e Documentos, 2003. p .420. Autor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 77 - Esquema representativo da planta das Caldas, elaborado pelo autor com base na Carta Miliitar de 1960/70. Fonte: GeoPortal do Município das Caldas da Rainha (1960/70) - Planta Genérica [Marterial Cartográfico]. Escala [1.20000]. Disponível em : WWW < http://websig.mcr.pt/MCREPL/ > Autor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 78 - Esquema representativo da planta das Caldas,elaborado pelo autor com base na Carta Militar de 2004. Fonte: GeoPortal do Município das Caldas da Rainha (2004) - Planta Genérica [Marterial Cartográfico]. Escala [1.20000]. Disponível em : WWW < http://websig.mcr.pt/MCREPL/ > Autor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 79 - Esquema representativo da planta das Caldas em 2006, elaborado pelo autor com recurso ao Google Earth Pro. Fonte: Google Earth ProAutor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 80 - Esquema representativo da planta das Caldas em 2009, elaborado pelo autor com recurso ao Google Earth Pro. Fonte: Google Earth ProAutor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 81 - Esquema representativo da planta das Caldas em 2012, elaborado pelo autor com recurso ao Google Earth Pro. Fonte: Google Earth Pro. Autor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 82 - Esquema sintese da proposta de grupo (em colaboração com as colegas Ana Rita Jesus e Adriana do Carmo), com as ligações a vermelho. Autor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 83 - Planta do existente. 1.1000. Autor: Turma 1, 2023.
Figura 84 - Planta da proposta. 1.1000. Autor: Maria Inês Vieira, 2023.

Figura 85 - Corte pelo percurso. Autor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 86 - Fotomontagem da proposta vista a partir da Rua 31 de Janeiro. Autor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 87 - Axonometria representativa dos atravessamentos dos quarteirões. Autor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 88 - Axonometria da proposta. Autor: Maria Inês Vieira e Ana Rita Jesus, 2023.
Figura 89 - Planta da Porta do Jardim. 1.500. Autor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 90 - Fotografia da zona de intervenção. Autor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 91 - Vista da proposta da Porta do Jardim. Autor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 92 - Fotomontagem representativa da zona de intervenção. Autor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 93 - Vista do Jardim proposto. Autor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 94 - Fotomontagem representativa da zona de intervenção. Autor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 95 - Alçado norte. 1.1000. Autor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 96 - Planta da Casa do Jardim. 1.500. Autor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 97 - Vista do interior de um quarto. Autor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 98 - Vista do interior do edifício. Autor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 99 - Vista do interior do edifício. Autor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 100 - Axonometria do edifício. Autor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 101 - Axonometria da estrutura do edifício. Autor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 102 - Corte aa'. 1.50. Autor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 103 - Alçado da Rua do Funchal. 1.1000. Autor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 104 - Fotomontagem representativa da Rua do Funchal. 1.1000. Autor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 105 - Planta. 1.500. Autor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 106 - Proposta inicial da ligação da Avenida General Pedro Cardoso com a Rua 31 de Janeiro. Autor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 107 - Esquiço com estudo dos alinhamentos dos edifícios. Autor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 108 - Esquiço com estudo dos alinhamentos dos edifícios. Autor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 109 - Esquiço com estudo dos alinhamentos dos edifícios. Autor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 110 - Esquiço com estudo dos alinhamentos dos edifícios. Autor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 111 - Axonometria das primeiras ideias da proposta. Autor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 112 - Axonometria das primeiras ideias da proposta. Autor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 113 - Esquiço do alçado da proposta inicial. Autor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 114 - Esquiço do alçado da proposta inicial. Autor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 115 - Esquiço inicial da Porta do Jardim. Autor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 116 - Esquiço da ideia da Porta do Jardim. Autor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 117 - Corredro Verde, Gonçalo Ribeiro Telles, Lisboa, 2012. Fonte: LUSA, **DGS quer mais locais públicos com posto de àgua acessivies**. 2017. [Consult. 10 Ago. 2023] Disponível em WWW: <https://www.publico.pt/2017/05/19/sociedade/noticia/dgs-quer-mais-locais-publicos-com-bebedouros-ou-pontos-de-agua-acessiveis-1772810>.
Figura 118 - Playground, Aldo van Eyck, Amesterdão, 1965. Fonte: Uncube Magazine, 2013. [Consult. 10 Ago. 2023] Disponível em WWW: <https://www.uncubemagazine.com/sixcms/detail.php?id=9318763>. Autor: Ed Suister, Arquivos da cidade de Amesterdão.
Figura 119 - Jardim Fernando Pessa, Lisboa. Fonte: Google Earth Pro Autor: Maria Inês Vieira, 2023.
Figura 120 - Taz, E2A, Berlim, 2018. Fonte: HI, **E2A, TAZ Neubau**. [Consult. 10 Ago. 2023] Disponível em WWW: <https://hicarquitectura.com/2022/09/e2a-taz-neubau/>.
Figura 121 - Centro Cultural, Eduardo Souto de Moura, Viana do Castelo, 2013. Fonte: João Morgado Fotografia de Arquitetura. [Consult. 10 Ago. 2023] Disponível em WWW: <https://www.joaomorgado.com/pt/reportagens/centro-cultural>. Autor: João Morgado.
Figura 122 - Poupatempo, Paulo Mendes da Rocha, São Paulo, 1999. Fonte: MMB. [Consult. 10 Ago. 2023] Disponível em WWW: <https://www.mmbb.com.br/projects/details/39/1.
Figura 123 - Museu dos Coches, Paulo Mendes da Rocha, Lisboa, 2015. Fonte: MMB. [Consult. 10 Ago. 2023] Disponível em WWW: <https://www.mmbb.com.br/projects/details/66/1>.
Figura 124 - Centro Cívico, Gonçalo Byrne, Leiria, 2003-2011. Fonte: Gonçalo Byrne Arquitetos. [Consult. 10 Ago. 2023] Disponível em WWW: <https://www.goncalobyrnearquitectos.com/ea-de-queiroz-home>. Autor: Paulo Catrica.
Figura 125 - Shibaura House, Kazuyo Sejima, Tokyo, 2011. Fonte: Metalocus - **Casa Shibaura em Tokyo por Kazuyo Sejima**. [Consult. 10 Ago. 2023] Disponível em WWW: <https://www.metalocus.es/en/news/shibaura-house-tokyo-kazuyo-sejima>.
Figura 126 - Museu de Arte, Lina bo Bardi, São Paulo, 1968. Fonte: Archdaily - **MASP de Lina bo Bardi completa 50 anos**. [Consult. 10 Ago. 2023] Disponível em WWW: <https://www.archdaily.com.br/br/905090/masp-de-lina-bo-bardi-completa-50-anos/5bdaf9c0f197cc45e9000385-masp-de-lina-bo-bardi-completa-50-anos-imagem>. Autor: Luiz Ossaka.
Figura 127 - Sede Sebrae, Luciano Margotto, Brasília, 2010. Fonte: Divisare - **Sede do Sebrae**. [Consult. 10 Ago. 2023] Disponível em WWW: <https://divisare.com/projects/379606-gruposp-arquitetos-nelson-kon-sebrae-headquarter>. Autor: Nelson Kon.
Figura 128 - IIT, Mies van der Rohe, Chicago. Fonte: Vitruvius. [Consult. 10 Ago. 2023] Disponível em WWW: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/20.229/7416>.
Figura 129 - Corredor Verde, Ponte de Monsanto. Fonte: OPEN HOUSE - **Corredor Verde**. [Consult. 10 Ago. 2023] Disponível em WWW: <https://www.trienaldelisboa.com/ohl/espaco/corredor-verde/>. Autor: Diogo Lopes.
Figura 130 - Planta Corredor Verde. Fonte: RODRIGUES, Nelson - **O Corredor Verde num tapete vermelho**. Lifecooler. [Consult. 10 Ago. 2023] Disponível em WWW: <https://lifecooler.com/artigo/dormir/corredor-verde-de-monsanto/440888>.
Figura 131 - Sede Sebrae, vista varandas de serviço. Fonte: SEBRAE - **Livro Nova Sede Sebrae Nacional**. 2010. Gráfica Coronário. p. 62.
Figura 132 - Sede Sebrae, vista zona dos escritórios. Fonte: SEBRAE - **Livro Nova Sede Sebrae Nacional**. 2010. Gráfica Coronário. p. 77.

1 Introdução

1 Introdução

O presente trabalho de projeto de mestrado pretende estudar a cidade das Caldas da Rainha, situada na zona litoral de Portugal continental, no distrito de Leiria. O principal objetivo passa por apresentar propostas regeneradoras da cidade, numa estratégia geral que se dispõe em resolver as fragilidades identificadas e enaltecer as potencialidades da cidade. Ou seja, refletir sobre espaços significativos do território onde seja possível intervir e melhorar o modo de vida.

O trabalho divide-se em duas grandes partes: uma primeira, em turma, onde se realiza uma reflexão crítica da cidade e uma segunda parte, individual, de desenvolvimento de projeto. A análise à cidade, está dividida em três fases: na fase inicial estuda-se a evolução histórica desde a sua origem até à cidade atual, referindo aspetos humanos, sociais e culturais, e nomeando ainda, os edifícios de interesse público que fazem parte da história das Caldas da Rainha e que se consideram determinantes para o entendimento da evolução e dinâmica social atual. De seguida, fez-se pesquisa sobre questões do território, como o estudo da evolução demográfica, a biofísica e a mobilidade - interna e interurbana. Para além destas duas grandes partes, o trabalho incorpora ainda os capítulos: resumo, introdução, conclusões, mapa de referências e referências bibliográficas.

Durante a análise, os diversos grupos da turma foram, primeiramente, responsáveis pela recolha de informação, nomeadamente, documentos históricos e cartográficos, dados retirados dos Censos/INE, mapeamento de utilizações ao nível do solo e de estrutura geológica. Entretanto, de modo a preparar a investigação *in situ*, elaborou-se uma planta à escala 1:2000 para a primeira visita à cidade, com a duração de um dia. De modo a transmitir a ideia do que é a cidade das Caldas da Rainha atualmente, nessa planta, através de vários layers, mapearam-se: espaços vazios (tanto os murados, vazios em ruína e os utilizados para estacionamento), espaços públicos e espaços verdes. Em paralelo com esta identificação, procurou-se compreender os edifícios e espaços notáveis da cidade. Verificou-se que estes se encontram ao longo de toda sua a extensão e que, acompanham e marcam o crescimento do território, predominantemente no lado Nascente. Destacam-se o Mercado da Fruta, o Parque D. Carlos I, o Hospital Termal, a ESAD, a estação de caminhos de ferro, entre outros.

Numa nova visita, esta de maior duração, 3 dias, realizou-se um processo semelhante ao anterior. No entanto, esta teve como objetivo o reconhecimento do espaço e como tal, o conhecimento da cidade através do caminhar. Como defende o arquiteto Francesco Careri o acto de caminhar é uma arte antepassada - «Andar es un arte que contiene en su seno el menhir, la escultura, la arquitetura y el paisaje.» (CARERI, 2002, p. 20) - que permite uma relação evidente com o território e «A partir de este simple acto se han desarrollados las más importantes relaciones que el hombre ha establecido con el territorio..» (CARERI, 2002, p. 20).

No fim deste processo, afinando os pormenores e alinhando o pensamento de propostas com reavaliação de todos os dados recolhidos até ao momento, termina-se com a elaboração de uma *swot analysis*, enumerando forças, fragilidades, oportunidades e ameaças resultantes da observação da cidade. Percebe-se assim, que a cidade apresenta um conjunto de tópicos relevantes: falta de espaços verdes e de permanência; elevado número de automóveis a ocupar a via pública e passeios; excesso de estacionamento e densidade de construção na zona central da cidade.

O trabalho integra uma estratégia geral em colaboração com as colegas Adriana do Carmo e Ana Rita Jesus que se dispõe em resolver as fragilidades anteriormente identificadas e enaltecer as potencialidades da cidade. Esta proposta tem como objetivo promover melhores ligações e espaços verdes de qualidade entre a Praça 25 de abril e a zona norte da linha férrea. Deste modo, tira-se proveito de vazios nos interiores dos quarteirões para criar um percurso mais fluido, promovendo espaços verdes e sombras que o tornem mais agradável.

No que se refere ao trabalho individual, este centra-se na zona do grande estacionamento junto à PSP. Tem-se os pontos fracos da cidade como oportunidades para a criação de novos espaços verdes e de permanência. Após a análise do lugar a proposta visa não só a sua ligação entre o mesmo e a restante cidade, assim como a clarificação do seu desenho e malha, que se encontram nos dias de hoje com um caráter difuso. Deste modo, propõe: o remate de quarteirões dando uma frente para um novo espaço verde, a inserção de um Centro de Reinserção Social - A Casa do Jardim, assim como zonas de restauração, e de habitação coletiva e um novo parque subterrâneo para estacionamento. Tendo em conta o caráter social do lugar, é, ainda, objeto de estudo a relação espaço público - espaço privado, questionando-se como se desenha e pensa o seu limite. Com este estudo procura-se promover, não só, espaços públicos e verdes, mas também, a segurança no lugar de intervenção. Desta forma, a cidade é cerzida, promovendo espaços de qualidade para a cidade, dando primazia à fluidez do espaço e à relação visual entre o interior e exterior dos quarteirões.

2 Leitura Crítica do Território

2.1 Análise do terreno

Foram estudadas as questões biofísicas da zona do Oeste e em especial da cidade das Caldas da Rainha, percebendo-se os usos do solo através do Plano Diretor Municipal[1] da cidade. Pretendeu-se entender de uma forma mais rigorosa os sistemas de linhas de água na cidade [Figura 2] e da exposição solar - com recurso ao programa QGIS e ao Google Satellite. Compreendeu-se também os tipos de solo, concluindo-se que encontram-se mais Jurássico, ou seja, Grés e Argila de diversas cores e, Pliocénico, Brechas Calcárias[2]. Entende-se que estes aspetos biofísicos se tornaram fulcrais no desenvolvimento da cidade, uma vez que criaram ambientes favoráveis tanto para a exploração da indústria cerâmica como para a exploração termal, estas que foram impulsionadoras do crescimento das Caldas da Rainha.



Figura 1 - Localização do Concelho das Caldas da Rainha em Portugal.



Figura 2 - Esquema representativo das linhas de àgua dentro das Freguesias de Santo Onofre e Nossa Sr. do Pópulo.

[1] CAMARA MUNICIPAL DE CALDAS DA RAINHA. Planta de Ordenamento: Cidade de Caldas da Rainha. Caldas da Rainha, 2017. Escala 1:10.000. Disponível em: http://www.rb.mcr.pt/webcenter/

[2] Mapa da composição de solos na área de estudo, adaptado de: DIRECÇÃO GERAL DE MINAS E SERVIÇOS GEOLÓGICOS. SERVIÇOS GEOLÓGICOS PORTUGAL Carta geológica - Portugal. Lisboa: [s. n.], 1952. 1 mapa : color. ; 61x39 cm. Escala 1:1 000.000. Disponível em: https://almamater.uc.pt/bibletras/item/44989.

Ao longo das visitas feitas à cidade das Caldas da Rainha, a turma foi recolhendo informação *in situ* para que melhor se pudesse compreender e estudar a cidade. Com vista a clarificar e visualizar os espaços dentro da mesma, foi elaborado uma planta de layers [Figura 3] que incorpora todos os espaços identificados: espaços públicos, espaços verdes, edifícios em ruína, edifícios relevantes, vazios de estacionamento, vazios de estacionamento murado, vazios lote, vazios lote murado. Esta identificação de espaços na cidade teve como objetivo o mapeamento de lugares e oportunidades de intervenção na mesma.

Aliado à planta de layers, anteriormente referida, elaboraram-se um ortofotomapa [Figura 5] e uma maqueta da cidade à escala 1:2000 [Figura 4], para que quando conujugados tornassem a leitura da cidade das Caldas da Rainha mais clara. Deste modo, a indentificação de manchas verdes, grandes infraestruturas e áreas por rematar mais fácil torna-se mais direta e perceptível.



Figura 3 - Planta de layers da cidade das Caldas da Rainha.



Figura 4 -Fotografia da maqueta elaborada pela turma à escala 1:2000.

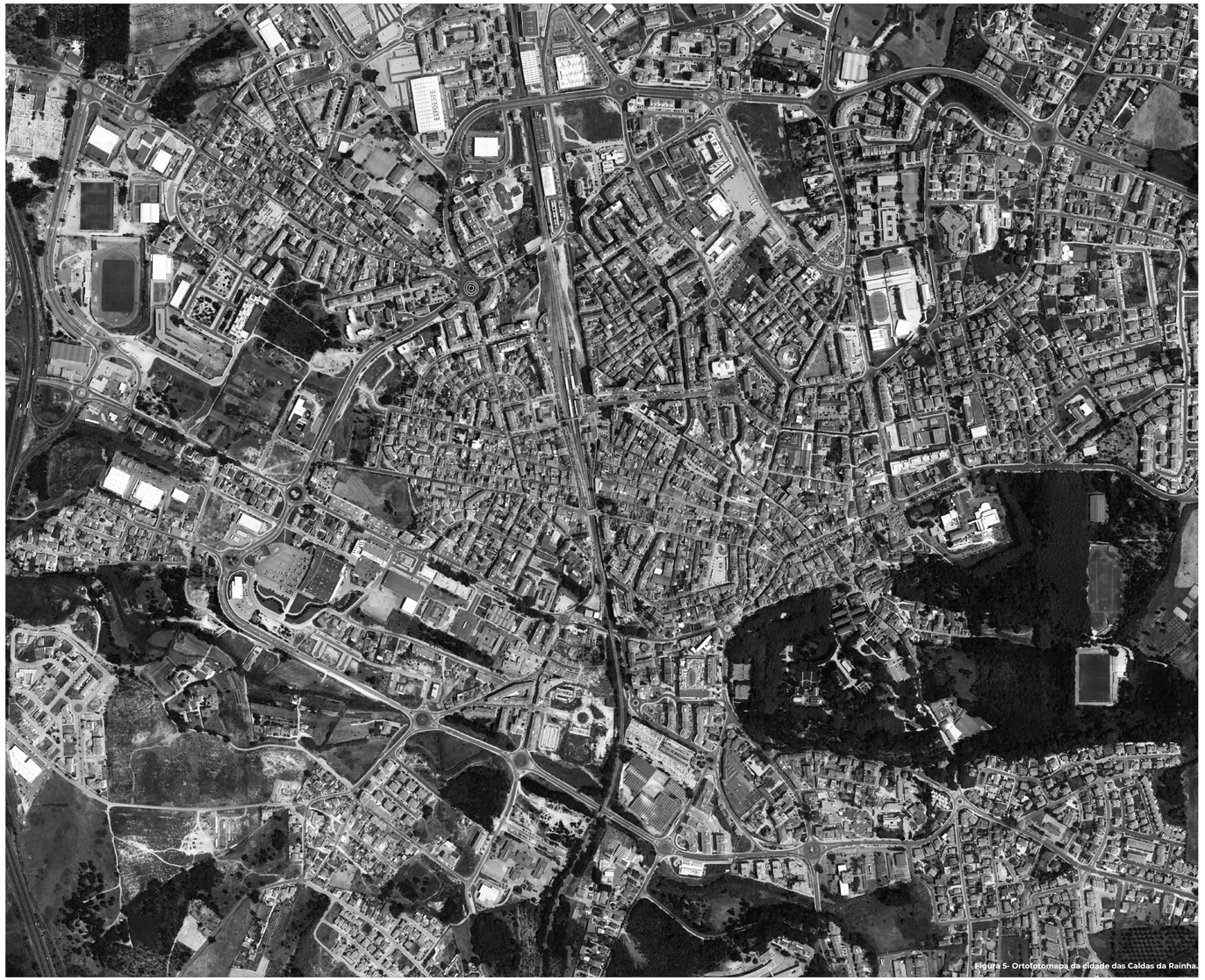


Figura 5- Ortofotomapa da cidade das Caldas da Rainha.

2.2 Evolução Histórica

De acordo com Aldo Rossi, «O método histórico parece ser capaz de nos oferecer a verificação mais segura de qualquer hipótese sobre a cidade (...) As cidades são o texto desta história (...)» (ROSSI, 2018, p.166). Partindo deste princípio, pretendeu-se compreender o crescimento e evolução da cidade tendo sido estudada a sua história com recurso a vários livros - *Linha do Oeste: Óbidos e Momentos Artísticos Circundantes* de João Bonifácio Serra e outros autores ou *As Cidades Têm uma História: Caldas da Rainha das Origens ao Século XVIII* de Saúl António Gomes, entre outros documentos como dissertações, documentos de arquivos digitais e elementos fotográficos.

2.2.1 Origem da Vila das Caldas da Rainha

De acordo com Saúl António Gomes em relação a um documento publicado por Manuel Sílvio Alves Conde, é possível atestar-se indícios de atividades termais nas «(...) imediações de Óbidos» (GOMES, 1994, p. 21). O sítio em análise era identificado como um local «(...) para permanecer em tratamentos durante alguns dias (...)» (GOMES, 1994, p. 21) onde mais tarde se veio a desenvolver as Caldas da Rainha «(...) creio podermos aceitar que se trata, aqui, das Caldas junto de Óbidos.» (GOMES, 1994, p. 21) Assim, sabe-se que a Rainha D.Leonor encontrou, em 1484, um grupo de pessoas a banharem-se em «(...) poças de água fumantes e mal cheirosas» (GOMES, 1994, p. 22).

Desde o século XIII que a vila das Caldas da Rainha era conhecida como As Caldas de Óbidos, originalmente desenvolvida a partir da vontade da Rainha D. Leonor em criar o primeiro hospital termal, em 1485 (SERRA, 2003, p. 50). Esta iniciativa surgiu da cura da Rainha depois de se banhar em águas quentes naquela região. Desde então, «A villa das Caldas da Rainha é a mais concorrida terra d'águas da provincia da Extremadura» (ORTIGÃO, 1975, p. 85).

Este local caracterizava-se por ser frequentado por leprosos e pessoas mais empobrecidas. Por consequência da popularidade e do grande uso desta zona para banhos termais, surgiu um conjunto de recursos e equipamentos balneários de carácter precário. Eram mantidos por estruturas informais de caráter popular e não tanto pela elite da época. (ORTIGÃO, 1975 p. 85) Só nos finais do século XV, é que estas infraestruturas começaram a ter atenção por parte da Casa Real (ORTIGÃO, 1975, p. 85) que, por intermédio da Rainha D. Leonor, sofreram reformulações, definindo assim a localização de um Hospital. (SERRA, 1998, p. 171) «Nasceu assim um grande hospital moderno, com o seu corpo clínico permanente, pioneiro (...) Foi, por outro lado, o primeiro (e único) hospital termal português». (SERRA, 2003, p. 50) Paralelamente, é relevante referir a súplica que a própria Rainha enviou ao papa Alexandre VI, compreendendo o interesse da Rainha na criação do hospital termal.:

> «No Território de Óbidos, no lugar chamado das Caldas (...) existiam certos banhos destruídos e quase totalmente incapazes (...) a dita rainha, movida pelo amor de Deus, fez ali edificar banhos às suas próprias custas, reparando câmaras e casas para as pessoas enfermas (...)» (GOMES, 1994, p. 23)

A partir daí, e como forma de garantir metodologias sociais e económicas que suportariam a atividade local e, com o propósito de consolidar a implantação do Hospital, o rei D. João II implementou algumas medidas que visavam assegurar a fixação de mais população no território. Através destas medidas foi possível assegurar e compreender uma maior importância da vila e da sua contribuição para a saúde pública do reino.

2.2.2 Crescimento da Vila das Caldas da Rainha

A Vila das Caldas da Rainha foi crescendo a nível demográfico e em 1491 o Rei D. João II atribuiu às Caldas o direito de possuir um juiz próprio que regularizasse e ordenasse as decisões fiscais do concelho. (GOMES, 1994, p. 27) Permitindo que as Caldas fosse independente da vila de Óbitos « (...) o monarca João II autorizou que a povoação fosse desanexada do termo de Óbidos (...) nos finais do século XV se principiou a estruturar uma povoação em seu redor.» (SERRA, 2003, p.50) Contudo, só anos mais tarde, em 1511, é que o Rei D. Manuel I atribuiu oficialmente o estatuto de vila às Caldas da Rainha. Esta decisão foi motivada pelo facto de a vila ser, já na época, um regime autónomo com uma rede viária e equipamentos urbanos coletivos. (SERRA, 2003, p. 50)

Com o aumento da população nas Caldas, tornava-se necessário mais área por onde a vila se pudesse expandir e, para esse efeito, foram utilizados vários terrenos de cultivo que existiam à volta da mesma. No entanto, as utilizações destes terrenos levaram a alguns conflitos com a autarquia vizinha de Óbidos, uma vez que a vila das Caldas da Rainha ainda não tinha definido e delimitado o seu território oficial. [Figura 8]

Com o intuito de acautelar os problemas entre as Vilas de Óbidos e das Caldas da Rainha, o Rei D. Manuel I ordenou, que Rui Boto - chanceler da corte do reino - determinasse limites territoriais mais precisos para a vila das Caldas da Rainha, que se estabeleceram «(...) meia légua em volta do hospital.» (GOMES, 1994, p. 29) Ainda que, o crescimento da vila das Caldas da Rainha tenha sido notório, esta apresentava desvantagens quanto às suas infraestruturas urbanas. (GOMES, 1994, p. 29) [Figura 7]

No primeiro levantamento cartográfico identificado em 1742 - da autoria de João Pedro Ludovice [Figura 6] - verificou-se que a população se concentrava junto aos espaços vazios, entre ruas e largos já existentes, em zonas predominantes da cidade e com maior atividade social. Ao estudar-se com maior detalhe a evolução da vila, evidenciaram-se alguns elementos que condicionaram o seu crescimento: as duas vias de comunicação, que faziam a ligação entre Coimbra, Lisboa (Norte-Sul) e Santarém e Peniche (Leste-Oeste); o hospital termal; a densidade arbórea e as terras semeadas. (GOMES, 1994, pp. 177-179)



Figura 6 - Planta da Vila das Caldas de 1742, da autoria de João Pedro Ludovice.



Figura 7 - Domínios Senhoriais Finais do Século XV.



Figura 8 - Limites Aproximados do Termo da Vila das Caldas de 1511.

2.2.3 **Atividade Termal**

No século XIX (1878-1890) houve uma grande expansão da atividade termal onde foi possível verificar-se um aumento da permanência de pessoas na vila das Caldas. Por consequência deste aumento, entendeu-se que seria necessário reformular o Hospital Termal com a ambição de tornar esta localidade numa estância termal de grande reconhecimento a nível europeu. (SERRA, 2003, p. 55) A reformulação do Hospital Termal pretendia modernizar as suas estruturas urbanas e reforçar as ligações e vias de comunicação da vila das Caldas até à capital do país, mas também, com o estrangeiro. Durante os anos seguintes (1890-1896), Rodrigo Maria Berquó atingiu uma grande importância neste processo, orientando um conjunto de infraestruturas e projetos de lazer com a estratégia de aliciar banhistas de classe média e alta até à vila. (SERRA, 1995, pp. 42-44)

> «De facto, um verdadeiro terramoto se abateu sobre a pacata vila das Caldas durante a gestão de Berquó. (...) o que avulta na acção de Berquó nos 7 anos em que presidiu aos destinos do Hospital Termal, é uma inabalável determinação. Este homem não cede a pressões de contravapor, nem parece atreito a desânimos, não abranda o ritmo (...)» (SERRA, 2003, p. 109) [Figura 11]

O arquiteto projetou o Parque D. Carlos I com uma grande densidade de árvores de forma que a vila apresentasse infraestruturas no âmbito da prática desportiva e usufruísse de áreas destinadas ao lazer. Criou também o novo Hospital Termal D. Carlos I [Figura 10] - destinado apenas aos internamentos - que tinha como objetivo fazer a divisão entre os balneários e o antigo hospital D. Carlos I. Ainda na visão deste projeto, Rodrigo Berquó implementou um terceiro piso ao hospital original. [Figura 9] Contudo, as intervenções e os planos do arquiteto Rodrigo Berquó prosseguiram no contexto urbano da cidade. Ainda assim afirma-se que o mesmo, em parte, não chegou a ser terminado:

> «Este plano, que no seu desígnio mais profundo visava subordinar a racionalização e modernização urbanística das Caldas às prioridades e critérios do termalismo e do conceito de cidade termal, não foi totalmente cumprido.» (SERRA, 1998, p. 175)



Figura 9 - Projeto de Rodrigo Berquó. Hospital antes do 3º piso.



Figura 10 - Projeto de Rodrigo Berquó para o Hospital D. Carlos. Alçado frente poente.



Figura 11 -Rodrigo Berquó, visto por Rafael Bordalo Pinheiro, 1894.

2.2.4 De Vila a Cidade das Calda da Rainha

Na continuidade do século XIX aquando do aparecimento da linha férrea do Oeste - (1887-1888) que fazia a ligação entre Torre Vedras, a Figueira da Foz e Alfarelos - a vila das Caldas ganha uma maior importância e reconhecimento nacional [Figura 12]. Foi entre os anos de 1878 e 1890 que as Caldas da Rainha apresentaram um aumento mais significativo de população (SERRA, 2003, p. 55) «O factor que mais pesou nesta conjuntura foi o termalismo. As Caldas tornaram-se as termas da moda numa época que fez moda das termas.» (SERRA, 2003, p. 55) Não só com o aparecimento do caminho de ferro do Oeste e, por este passar pelas Caldas, mas também, pela passagem na vila de uma estrada que fazia a ligação ao norte do país. (SARAIVA, 2002)[3]

Por intermédio da afluência de pessoas à vila, criou-se em 1890 uma nova avenida - atual Avenida da Independência Nacional - que pretendeu fazer a ligação entre a estação de comboio e a Praça da República. (SERRA, 2003, p. 55) Foi também, neste ambiente cosmopolita e de grande evolução da cidade, potenciada pela influência do termalismo que surgiram as indústrias cerâmicas e novos quarteirões que expandiram e marcaram o século XX na vila. (SERRA, 2003, pp. 55-57) Ainda assim, perante todo este cenário de evolução e crescimento, apenas no século XX, em 1927, a vila das Caldas da Rainha passa oficialmente a cidade, com cerca de 7000 habitantes. (SERRA, 2003, p. 58)

Nos anos seguintes, concretizou-se o plano de urbanização da cidade, pelo Arquiteto Paulino Montês

> «(...) é convidado a elaborar um "estudo de urbanização" da nova cidade (...) esse primeiro instrumento de planeamento propõe como grandes prioridades a urbanização pela Câmara das cercas de Maria Carolina (os actuais quarteirões onde se situam os edifícios do Montepio e da Rodoviária Nacional) e do Borlão (o conjunto que tem como epicentro a Praça 25 de Abril), vastas áreas de particulares que haviam resistido ao avanço da cidade (...) orientou com eficácia o crescimento e disciplinou as áreas antigas (...)». (SERRA, 2003, p. 59) [Figura 13]

Assume-se assim que, o plano de urbanização do arquiteto pretendia não só, consolidar malhas urbanas antigas, como também - à semelhança dos quarteirões e da praça da Igreja Nª Srª da Conceição, do Tribunal e da Câmara Municipal - incluir na cidade espaços com funções administrativas e comerciais. (SERRA, 2003 p. 59).

[3] SARAIVA, José. (2002), **Caldas, Capital por Conta Própria**, minuto 07 '30 de 26' 04s [Consult. 27 Dez. 2022]. Disponível em WWW: <https://www.rtp.pt/play/p5656/e406727/visita-guiada >



Figura 12 - A Chegada do Caminho de Ferro às Caldas pelo traço de Bordalo Pinheiro.



Figura 13 - Caldas da Rainha 1925. Mapa com desenho de Fernando Correia (1893-1967).

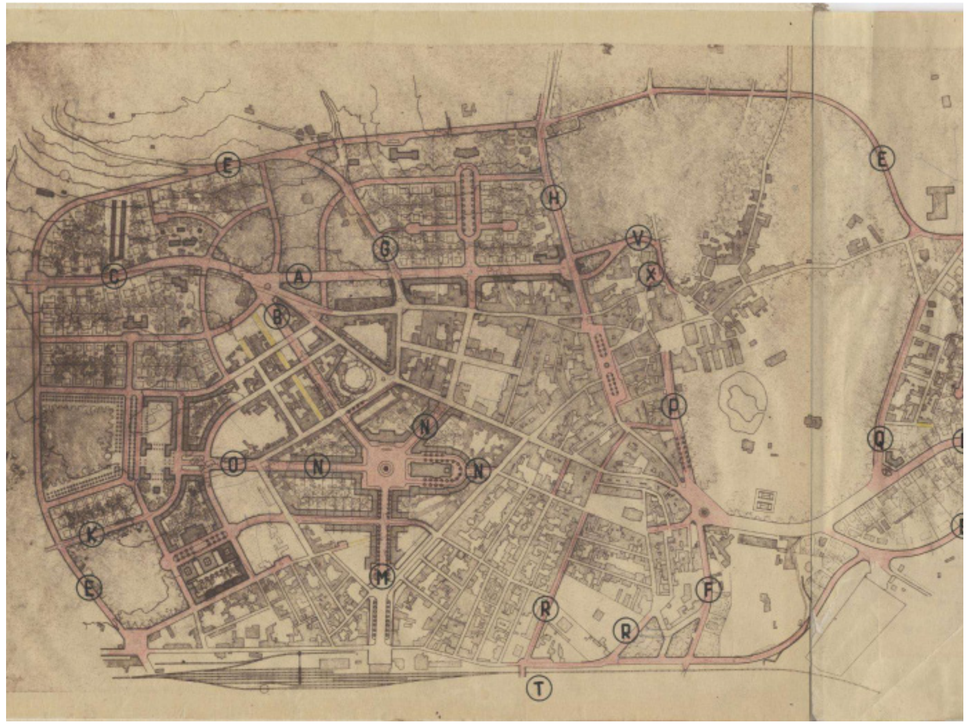


Figura 14 - Plano de urbanização da cidade das Caldas da Rainha, de Paulino Montez, aprovado em 1953.

2.2.5 Cerâmica

É no século XIX, por intermédio de todos estes fatores evidenciados anteriormente, que a cidade das Caldas da Rainha ganha prestígio e destaque para o resto do país. (SARAIVA, 2002)[4] Aliado a este reconhecimento, já no final deste século inauguram-se as indústrias de cerâmica e uma Escola de Desenho - determinada a formar técnicos de cerâmica - assim como, a Fábrica de Faianças Bordalo Pinheiro [Figura 15]. Com estas atividades, vários moradores da cidade das Caldas da Rainha iniciaram a sua aprendizagem nesta arte. Desta forma, criou-se uma relação mais próxima da cidade com as artes, surgindo pequenos negócios artesanais. (SARAIVA, 2002)[5] A fundação da Escola de Desenho e o crescimento da área artística possibilitou que, no século XX, não só emergissem vários artistas Caldenses, como também a economia - pois os negócios dependiam, em parte, destes comércios e consumos da sua própria região (SARAIVA, 2002)[6] [Figura 16]. Todo este crescente social e económico implementou um maior rigor e técnica na Vila das Caldas da Rainha:

> «Aliados ao cosmopolitismo da frequência termal, ao surto da cerâmica artística e decorativa, ao ensino do desenho, criaram uma exigência de construção técnica e esteticamente cuidada (...)». (SERRA, 2003, p. 58)

[4] SARAIVA, José. (2002), **Caldas, Capital por Conta Própria**, minuto 07 '20 de 26' 06s [Consult. 27 Dez. 2022]. Disponível em WWW: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/caldas-capital-por-conta-propria/ >
[5] Ibidem, minuto 09 '00 de 26' 06s.
[6] Ibidem, minuto 09 '50 de 26' 06s.



Figura 15 - Fábrica de Faiança das Caldas da Rainha.



Figura 16 - Aspecto da loja do Pavilhão de vendas Fábrica de Cerâmica de Rafael Bordalo Pinheiro.

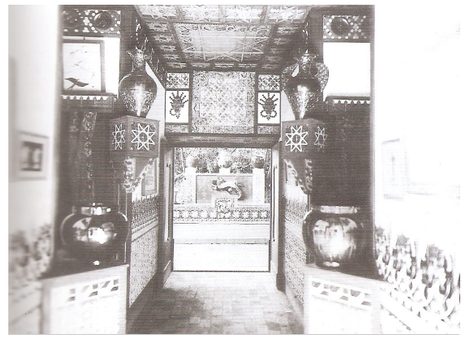
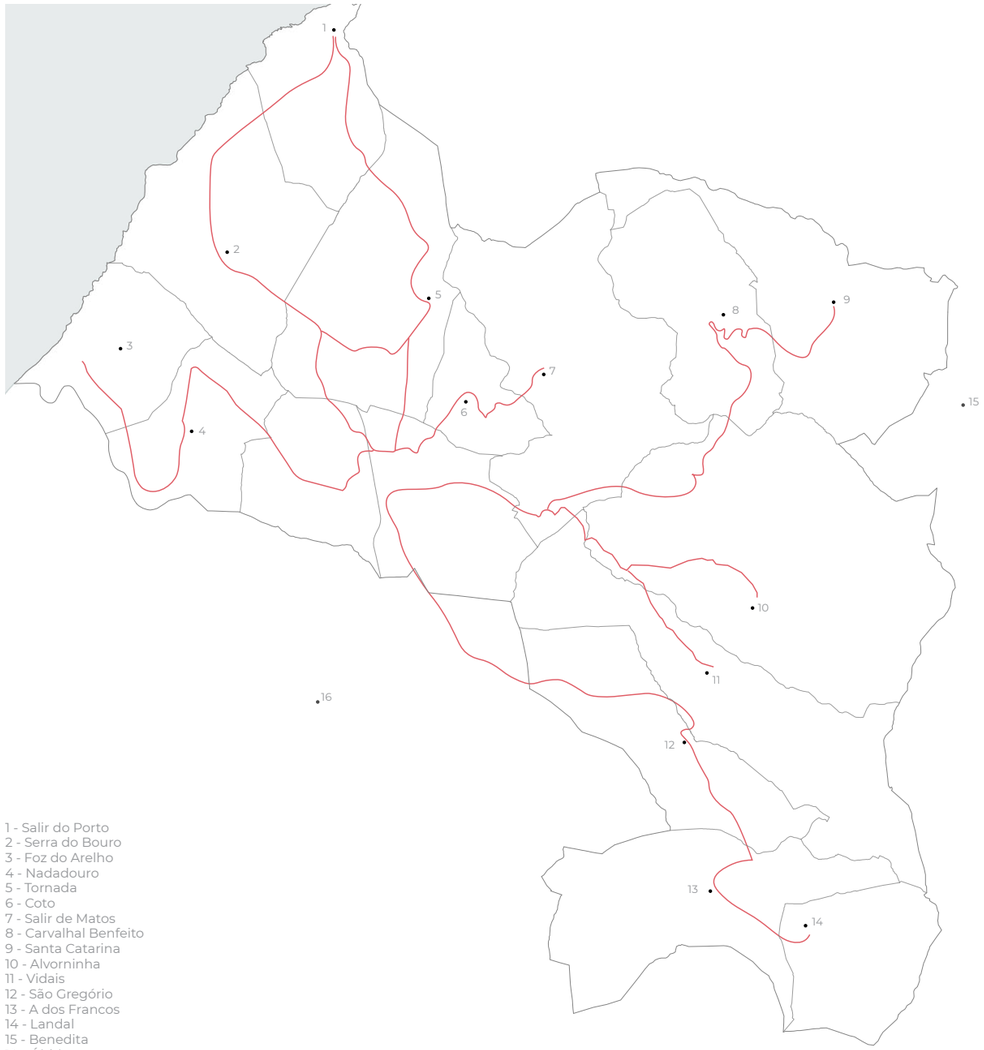


Figura 17 - Caldas da Rainha, Fábrica de Cerâmica de Rafael Bordalo Pinheiro.

2.3 Mobilidade

Verificando a mobilidade na cidade - recorrendo ao uso de mapeamentos de carreiras interurbanas e de rede de transportes - foi possível entender quais os transportes públicos que permitem o acesso à cidade a nível distrital e que carreiras interurbanas atravessam o concelho. Entendeu-se que a linha férrea do Oeste - construída no século XIX - assegura a ligação entre a Figueira da Foz até Lisboa, embora não seja muito utilizado pela população. No entanto, as carreiras rodoviárias do Tejo, são o principal meio de transporte da população, [7] pois garantem a ligação entre as Caldas da Rainha até às suas cidades vizinhas. [Figura 18]



1 - Salir do Porto
2 - Serra do Bouro
3 - Foz do Arelho
4 - Nadadouro
5 - Tornada
6 - Coto
7 - Salir de Matos
8 - Carvalhal Benfeito
9 - Santa Catarina
10 - Alvorninha
11 - Vidais
12 - São Gregório
13 - A dos Francos
14 - Landal
15 - Benedita
16 - Óbidos

Figura 18 - Esquema das linhas das carreira interurbanas da cidade das Caldas da Rainha.

[7] A rodoviária do Oeste, a rodoviária do Lis e as carreiras rápidas.

Considerou-se também a questão da mobilidade na cidade e para a cidade. O acesso à cidade das Caldas da Rainha é feito pelas infraestruturas rodoviárias N114, A8, N360, N115 e N8. Após a análise foi verificado que um dos primeiros acessos rodoviários a servir a cidade foi a N8 e que ainda hoje faz a ligação entre Leiria e Lisboa, aparecendo mais tarde a via A8 fazendo o mesmo percurso. Para além destas existem ainda: a estrada N114 que liga Peniche a Évora; a estrada N115 que faz a ligação entre as Caldas da Rainha e Lisboa e a estrada N360 entre a Foz do Arelho e Fátima.[8] [Figura 19].

[8] RODOVIÁRIA DO OESTE. Rede de Transportes. Carreiras Interurbanas Rocaldas [Em linha]. Caldas Da Rainha. [Consult. 26 Set. 2022] Disponível em: http://rodoviariadooeste.pt/rede-de-transportes e POLITÉCNICO DE LEIRIA. Mapa da Cidade. Caldas da Rainha Mapa da Cidade [Em linha]. Caldas Da Rainha. [Consult. 06 Out. 2022] Disponível em: https://www.ipleiria.pt/esadcr/wp-content/uploads/sites/17/2022/03/MAPA-C-EDIFICIOS.pdf

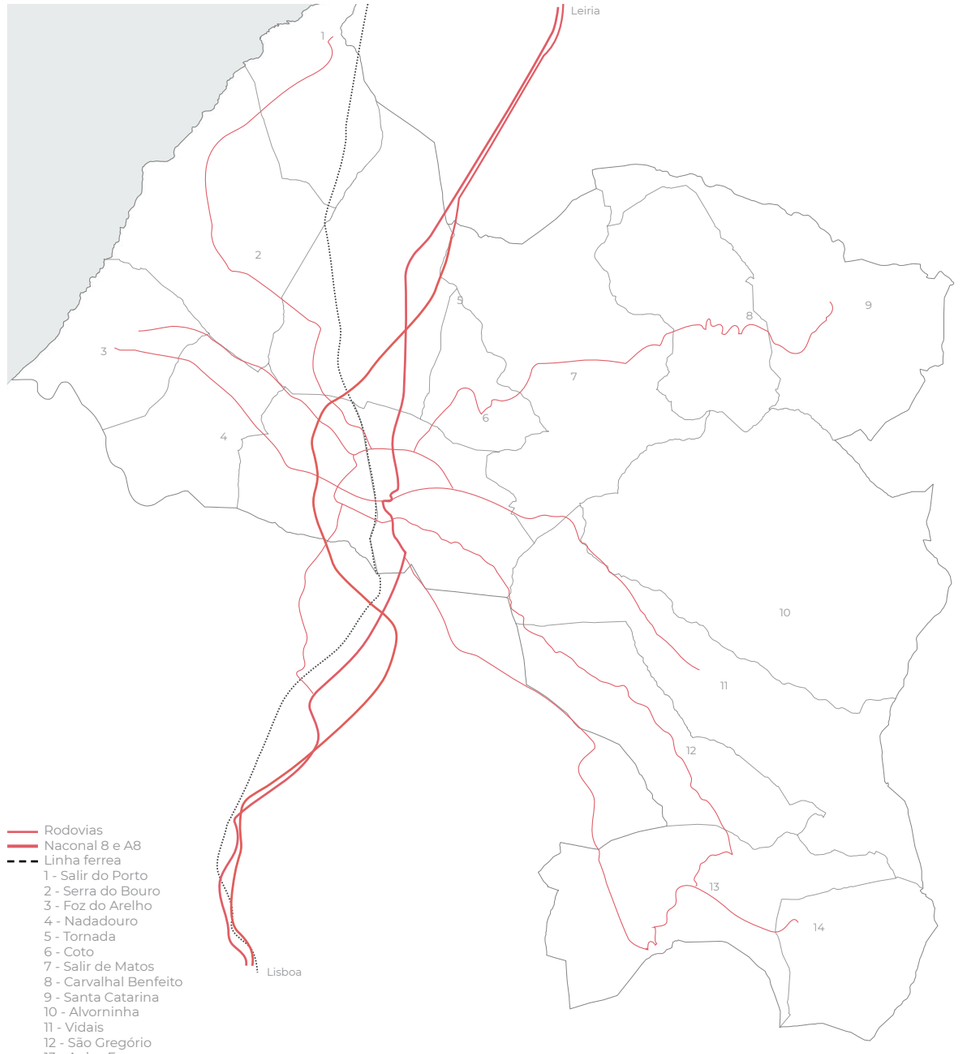


Figura 19 - Esquema das ligações viárias entre a cidade das Caldas da Rainha com o resto do país.

Do mesmo modo, teve-se também em consideração a mobilidade interna na cidade - Rede de transportes urbanos (TOMA). Em 2007 a Câmara Municipal das Caldas da Rainha criou o projeto TOMA, com o objetivo de melhorar a mobilidade urbana e, desta forma, diminuir o número de automóveis dentro da cidade, estando a contribuir para um desenvolvimento sustentável. Este projeto iria também permitir uma maior facilidade nos acessos aos principais pólos geradores de tráfego - o centro da cidade, os estabelecimentos de ensino, terminais de transporte, equipamentos desportivos, Hospitais e Centros de Saúde. O projeto iniciou-se com apenas duas linhas - Linha Laranja e Linha Verde - e em 2009 criou-se a linha Azul. Em 2014 houve um reforço na Linha Verde com o intuito de facilitar o transbordo diário escolar, nos dias úteis, influenciando várias zonas da cidade - Cidade Nova, Bairro da Ponte e Bairro das Morenas.[9] [Figura 20].

[9] CAMARA MUNICIPAL DAS CALDAS DA RAINHA. TOMA. Projeto Piloto de Transporte Urbano [Em linha]. Caldas Da Rainha. [Consult. 26 Set. 2022] Disponível em: http://www.rb.mcr.pt/webcenter/portal/oracle/webcenter/page/scopedMD/s3cb489dd_3d2a_4d93_b095_c496cec0b515/PortalHome.jspx?wc.contextURL=%2Fspaces%2Fmcr&_afrLoop=58578830046365616&_adf.ctrl-state=1bbg00euif_26&lado=esquerda&hide=s#!%40%40%3F_



Figura 20 - Esquema das ligações viárias da rede TOMA.

2.4 Análise SWOT

Como forma de sintetizar e compreender a informação recolhida, por intermédio da observação da cidade, elaborou-se uma análise SWOT.

Forças:

- Linha férrea, pressupondo que o novo projeto da Refer se concretiza e a cidade das Caldas da Rainha combate em tempo e em distância as grandes cidades, como o Porto e Lisboa;
- O turismo ligado à sua tradição artística e termal;
- A Escola Superior de Artes e Design (ESAD), pertencente ao Politécnico de Leiria, mas com campus na cidade das Caldas da Rainha. Ponto de referência para jovens estudantes e novos artísticas para a cidade;
- O Parque D. Carlos I, pela sua intemporalidade;
- O comércio;
- A sua história e referência pela figura Raphael Bordallo Pinheiro e seus reconhecimentos artísticos, nomeadamente a cerâmica;
- Facilidade de mobilidade, indo ao encontro do conceito urbano da Cidade dos 15 minutos;
- Serviços e equipamentos públicos.

Fragilidades:

- O estacionamento e, todos os espaços vazios da cidade serem aproveitados para estacionamento de automóveis;
- O grande número de ruínas e edifícios degradados e/ou inacabados;
- O sistema de transportes urbanos - Rede TOMA - um sistema de transportes de cariz social, utilizado por pessoas mais carenciadas, como forma de se deslocarem até à cidade para fazerem as suas atividades, contudo é pouco usado por jovens;
- Acesso até à Escola Superior de Artes e Design (ESAD);
- Acessos pedonais;
- Poucos espaços verdes;
- Débil relação entre o lado nascente e o lado poente da cidade, por intermédio da infraestrutura pré-existente - linha férrea - que se torna uma barreira física para a cidade.

Oportunidades:

- A criação de possíveis espaços de permanência;
- O aproveitamento dos vazio existentes no interior dos quarteirões;
- O aproveitamento de estruturas;
- Requalificação e prolongamento da ciclovia;
- Recuperação do Termalismo na cidade.

Ameaças:

- O excessivo número de automóveis na cidade;
- O alinhamento dos edifícios;
- O descontrolo da escala dos edifícios na cidade.

A partir da análise SWOT foram identificados um conjunto de pontos de partida para a estratégia geral, que se revelaram de grande importância para o desenvolvimento das propostas individuais. Percebe-se assim, que a cidade apresenta um conjunto de tópicos relevantes como - A falta de espaços verdes e de permanência na cidade; o elevado número de automóveis a ocupar a via pública e passeios; a quantidade de estacionamento e a densidade de construção. Estes tornaram-se os temas e aspectos a considerar no desenvolvimento do trabalho.



Figura 21 - Fotografia da linha de comboio, 2023.



Figura 22 - Fotografia da estação de comboio, 2023.



Figura 23 - Fotografia do mercado da fruta, 2023.



Figura 24 - Fotografia de uma peça de cerâmica, 2023.



Figura 25 - Fotografia do Parque D. Carlos I, 2023.



Figura 26- Fotografia de um estacionamento, no interior de um quarteirão, 2023.



Figura 27 - Fotografia de uma ruína, 2023.



Figura 28 - Fotografia de vazios baldios, 2023.



Figura 29 - Fotografia de um estacionamento, 2023.



Figura 30 - Fotografia da ESAD, 2023.



Figura 31 - Fotografia do mercado da fruta 2023.



Figura 32 - Fotografia da diferença de escalas dos edifícios, 2023.



Figura 33 - Fotografia do comércio na rua das montras, 2023.

2.5 A Cidade dos Dias de Hoje

Atualmente, o município conta com 50.917 habitantes, distribuídos pelas 12 freguesias existentes, sendo que o trabalho desenvolvido ao longo deste ano centra-se nas duas freguesias que são separadas pela linha férrea.

Constata-se que, nos dias de hoje, o propósito da cidade deixou de ser a sua forte relação termal e assumiu-se também que nenhuma outra área se apresentou com tanta importância no crescimento e desenvolvimento da cidade das Caldas da Rainha como o termalismo - «A vertente termal deixou de ser determinante na vida da cidade de hoje, sem que uma outra componente igualmente forte tenha ocupado esse lugar.». (SERRA, 2003, p. 48) Contudo, ainda é possível verificar na cidade vestígios da passagem do tempo e desta relação termal com a presença do Hospital Termal e também com a mancha verde na cidade, do Parque D. Carlos I. É também possível verificar que as Caldas da Rainha continuam a manter algumas tradições e práticas desde a sua origem - «(...) as Caldas continuam a dispor de um centro histórico vivo, onde todos os dias se faz e desfaz um mercado de géneros (...)» (SERRA, 2003, p. 49) - sendo o Mercado da Fruta um dos mais importantes pontos da cidade neste aspecto.

Observa-se também que é característico da cidade atual, a diferença de escalas do edificado e que se constitui numa marca da passagem do tempo. Numa primeira instância, a cidade inseriu edifícios de pequena escala apenas com um ou dois pisos. Com o passar do tempo, e naturalmente, com o crescimento demográfico da cidade compreende-se um segundo momento - marcado pelo início do Estado Novo - onde o edificado aumenta o número de pisos - entre os três e os cinco. Por último, evidenciam-se os edifícios de grande escala na cidade, com cerca de nove a doze pisos. Todas estas marcas da passagem do tempo influenciam a leitura e compreensão da cidade ao mesmo tempo que vincam as épocas, a história e os períodos que definem a cidade atual.

Neste seguimento, ainda que os propósitos sejam diferentes aos do século XV, a cidade das Caldas da Rainha apresenta, hoje, no século XXI, um conjunto de edifícios com história que vem da sua origem. Neste seguimento, estudou-se, os seguintes edifícios notáveis

- Mercado da Fruta;
- Parque D. Carlos I;
- Antiga Fábrica Bordalo Pinheiro;
- Hospital Termal;
- Antigas Fábricas da SECLA;
- Estação de Comboios da cidade;
- A Nova Praça, onde se encontra o edifício da Câmara Municipal, o Tribunal e a Igreja da Nossa Senhora da Conceição;
- A Praça 05 de Outubro;
- A Escola de Sargentos do Exército português;
- O Centro Cultural e Congressos das Caldas da Rainha;
- Escola Superior de Artes e Design (ESAD);
- Silos

2.5.1 Edifícios Relevantes
Hospital Termal

A sua origem remete ao século XV - em 1485 onde começa a ser construído e acaba por ser inaugurado em 1488 - e à Rainha D. Leonor - impulsionadora da construção do Hospital Termal. (PINHEIRO, 2019)[10] Sabe-se que a escolha das Caldas da Rainha para a localização do Hospital Termal está diretamente relacionada com a qualidade do território, tendo o mesmo sido construído por cima de nascentes. (PINHEIRO, 2019)[11] Tornou-se assim, um edifício notável da cidade que suportou a história, a evolução e a formação da mesma, tendo sido em torno deste edifício que toda a cidade se desenvolveu.

O Hospital Termal destacava-se dos restantes da época por inserir não só, uma área para banhos, como também, toda uma estrutura hospitalar – enfermarias, que viabilizaram o internamento de doentes, área de clínica e observação e uma botica - que permitia o uso do recurso da água na cura de doentes. (PINHEIRO, 2019)[12] No século XVIII originou-se um grande crescimento e modernização, tornando-o numa estância balnear. Ainda que o edifício do Hospital Termal se tenha mantido até aos dias de hoje, é possível verificar-se a passagem do tempo através de vários elementos externos que se encontram ao seu redor, como a Igreja da Nossa Senhora do Pópulo - elemento que permanece desde o primeiro Hospital Termal – , o Parque D. Carlos I - acompanhado dos pavilhões - e o Clube Recreativo. O conjunto destes elementos permitiram a evolução e o desenvolvimento de uma estância balnear e, consequentemente, a notoriedade das Caldas da Rainha, na época. (PINHEIRO, 2019)[13] Neste processo, deve-se destacar Rodrigo Maria Berquó, pelos seus feitos de notável importância na cidade. (PINHEIRO, 2019)[14] No século XX apenas se evidenciam pequenas remodelações e intervenções no interior do edifício, com o intuito de modernizar e evoluir o Hospital Termal. (PINHEIRO, 2019)[15] Após um longo período em que o Hospital Termal esteve fechado ao público, nos dias de hoje, reabriu para alguns tratamentos terapêuticos.



Figura 34 - Hospital e Largo de Copa, anos 50.



Figura 35 - Fotografia do Hospital, 2023.

[10] PINHEIRO, PAULA MOURA. (2019), VISITA GUIADA - HOSPITAL TERMAL DAS CALDAS DA RAINHA EP.7, MINUTO 03 '30 DE 30' 00S
[11] IBIDEM, MINUTO 06 '10 DE 30' 00S.
[12] IBIDEM, MINUTO 05 '10 DE 30' 00S.
[13] IBIDEM, MINUTO 07 '30 DE 30' 00S.
[14] IBIDEM, MINUTO 08 '00 DE 30' 00S.
[15] IBIDEM, MINUTO 08 '20 DE 30' 00S.

Mercado da Fruta

O Mercado da Fruta, ou mais conhecido como Praça da Fruta, encontra-se situado entre o núcleo histórico e o atual centro administrativo. A sua atividade comercial remonta a tempos antigos, tendo-se iniciado nas proximidades do antigo Hospital Termal. A cidade das Caldas da Rainha constituía-se «como pólo de trocas de produtos da Região (...)» (MANGORRINHA, 2000, p. 203) uma cidade com uma forte vertente mercantil que disponibilizava produtos diversificados e concentrava várias pessoas de diferentes regiões num comércio da província.

Ao longo dos anos foi tendo várias designações, inicialmente conhecida como Rossio, depois denominou-se Praça D. Maria e de depois Praça da República, também à medida que ia ganhando cada vez mais importância, um autêntico «(...) centro cívico e comercial (...)» (MANGORRINHA, 2000, p. 207) Ao redor da, agora vulgarmente conhecida como Praça da Fruta, foram-se desenvolvendo pontos de encontro, como o Café Central, o primeiro café da cidade que caracterizava e dinamizava todo o ambiente desta área da cidade. Este clima de desenvoltura e crescimento permitiu que a economia local, no século XX, se desenvolvesse. (MANGORRINHA, 2000, p. 207)

Atualmente, os propósitos primordiais do Mercado da Fruta permanecem inalterados, preservando-se como um ponto de encontro proeminente para os cidadãos locais, com o intuito de impulsionar o desenvolvimento económico da região e também de facilitar o aumento do consumo dos produtos locais. Ao longo do tempo, esse espaço evoluiu para passar a ser considerado como um local emblemático, que espelha com distinção os elementos tradicionais, a vitalidade e a autenticidade intrínseca da cidade.



Figura 36 - Praça de D. Maria Pia.



Figura 37 - Sede da Associação Comercial na Praça D. Maria Pia.



Figura 38 - Fotografia do Mercado da Fruta, 2023.

Praça 5 de Outubro

Nas Caldas da Rainha, os locais de prática comercial, a Praça 5 de Outubro e o Mercado da Fruta, apresentavam-se como «(...) um raio de acção local para uma vasta área de influência (...)» (MANGORRINHA, 2000, p. 203) que beneficiavam e mantinham a economia local. (MANGORRINHA, 2000, p. 205). A Praça 5 de Outubro não competia com o comércio da Praça do Rossio – Mercado da Fruta – pois vendiam-se produtos distintos. A Praça 5 de Outubro - que mais tarde se veio a denominar Praça Nova – encarregava-se do comércio de peixe e aves. (OLIVEIRA, 2016, p. 29)

Atualmente, a Praça 5 de Outubro assume um propósito comercial bastante diferente do inicial, embora as fachadas dos edifícios voltadas para o centro da praça, permaneçam inalteradas. Foi adicionado um parque de estacionamento subterrâneo, o que continua a permitir a desocupação do espaço da praça para a realização de várias atividades. Além disso, a praça insere diversos estabelecimentos comerciais, incluindo restaurantes e cafés. Essa reorganização da praça, para ter um ambiente mais de lazer e convívio, resultou na sua atual transformação num ponto de encontro, tanto durante o dia, como durante a noite, especialmente para os jovens da cidade.



Figura 39 - Praça Nova e Teatro Pinheiro Chagas .



Figura 40 - Mercado na Praça 5 de Outubro.



Figura 41 - Fotografia da Praça 5 de Outubro, 2023.

Parque D. Carlos I

O Passeio da Copa, construído a partir do ano de 1799, localizava-se

> «(...) numa área conquistada a terras de vinha, onde se plantaram, inicialmente, plátanos, faias e ulmeiros.» (MANGORRINHA, 2000, p. 175)

Perto do Passeio da Copa e, por sua vez, do Hospital Termal, também se localizava a Mata da Rainha D. Leonor, que tinha como principal objetivo «proteger as linhas de água subterrâneas mineral.» (MANGORRINHA, 2000, p. 176) Estes locais tinham também o propósito de servir os doentes. (MANGORRINHA, 2000, p. 175) O arquiteto Rodrigo Berquó, no final do século XIX, reformulou o Passeio da Copa com o intuito de desenvolver e modernizar a estância termal, pois acreditava que:

> «À construção de uma estância termal devem estar inerentes locais de lazer de recreio e de cultura; espaços exteriores aprazíveis, que favoreçam o convívio e o desporto, mas também espaços interiores, como os clubes, sempre medidores da procura termal e da qualificação sociocultural.» (MANGORRINHA, 2000, p. 178)

Acompanhando a modernização e a moda que a cidade das Caldas da Rainha estava a ter na época, com o início de uma série de clubes e ocupações como teatros e cafés, em 1837 foi criado o Clube de Recreio que rapidamente se tornou um lugar de convivência. (MANGORRINHA, 2000, p. 182)

Entre 1888 e 1889 o arquiteto Rodrigo Berquó, teve a ideia de transformar o Passeio de Copa e o campo de vinhas que o circundava num parque arbóreo, tendo como propósito atrair uma determinada classe social para as termas da cidade, tendo sido em 1891 a sua inauguração. (MANGORRINHA, 2000, p. 183)

> «Berquó sabia que o requinte da classe frequentadora que ele queria motivar ainda mais para estas termas pedia a adopção de novos tipos espaciais: o recinto arborizado, o parque, o jardim, o passeio e a alameda, espaços de recreio e novas práticas sociais, ligadas por elementos vegetais comuns (a árvore, os canteiros, as plantas).» (MANGORRINHA, 2000, p. 183)

Berquó discriminou um conjunto de medidas a assumir neste projeto de requalificação do Parque D. Carlos I, como a construção de um lago artificial e a implantação de policiamento e vedação no parque. Todas estas redefinições tinham como intuito dinamizar e modernizar o parque e com isso também «(...) distrair e fortalecer os doentes (...)» (MANGORRINHA, 2000, p. 185). O Parque tornou-se num ponto de encontro notável com a dinamização de atividades, como passeios e regatas em barcos a remos, concertos e bailes. (MANGORRINHA, 2000, p. 185)

Atualmente, o Parque D. Carlos I possui sete entradas e no interior do mesmo entendem-se certas divisões distintas: uma área central que concentra um maior número de pessoas junto ao lago artificial e ao coreto e se estende até à casa dos barcos e ao Museu José Malhoa e uma outra zona a poente do parque, que faz a ligação entre o museu e o caminho junto aos pavilhões do Hospital Termal e a zona da Mata D. Leonor. (CAMARA, 2004)

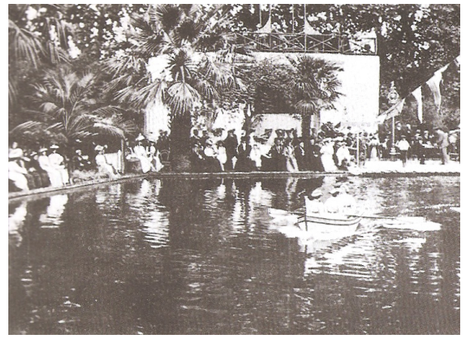


Figura 42 - Regata no Lago do Parque D. Carlos I .



Figura 43 - Postal ilustrado, Parque D. Carlos I, 1926.



Figura 44 - Fotografia do Parque D. Carlos I, 2023.

Estação de Comboios

Antes de chegar o comboio às Caldas da Rainha, as comunicações entre diferentes regiões eram estabelecidas por diligências - carruagens movidas por rodas, responsáveis pelo transporte de pessoas e mercadorias - com início no ano de 1855 na cidade em análise (SERRA, 1993, p. 282). Contudo, essa forma de transporte não era viável pois o transbordo caracterizava-se por ser bastante demorado. O caminho de ferro já tinha surgido noutras partes do país, mas ainda não tinha chegado à cidade das Caldas da Rainha. No ano de 1856 o comboio surgiu para fazer a ligação entre Lisboa e o Carregado, deixando a cidade das Caldas da Rainha servida apenas por diligências, o que em nada facilitava os acessos à cidade. (SERRA, 1993, p. 287).

> «(...) foi experimentado o Caminho de Ferro de Lisboa ao Carregado. (...) Do Carregado para diante a viagem continuava a fazer-se de diligência com duas carreiras diárias – uma de manhã e outra à noite. O percurso continuava a durar 6 a 7 horas (...)» (SERRA, 1993, p. 287).

Ainda assim, era de todo o interesse do território em análise, apostar-se em bons transportes, uma vez que era uma cidade bastante procurada nacional e internacionalmente - nomeadamente pelo povo espanhol (SERRA, 1993, p. 295). Dada esta conjuntura, a linha férrea chegou ao Oeste do país, mas foi, ainda assim, uma chegada pouco consensual. (SERRA, 1993, p. 296) Após períodos de discórdia, é no ano de 1887 que se inicia a construção da linha férrea do Oeste (SERRA, 1993, p. 297) e a cidade ganha mais notoriedade

> «(...) D'ora avante deixarão de estar separados da capital por longas horas de diligência incómodas as frequentadas o grande número de famílias que há muito almejavam por esta viagem cómoda e rápida (...)» (SERRA, 1993, p. 298).

A estação de comboios surge fora do núcleo urbano da cidade o que fez com que se criasse uma avenida – Avenida da Independência - que fazia a ligação entre a estação de comboios e aquele núcleo. (MANGORRINHA, 2000, p. 218) Com o decorrer do tempo, surgiram outros meios de deslocação e gradualmente a desvalorização do transporte ferroviário.

Se outrora «Para as Caldas o comboio era de uma importância vital.» (SERRA, 1993, p. 304), atualmente encerra em si a transição desejada entre um passado ambicioso e um presente estagnado. A pouca relevância do comboio na vida social atual da população Caldense, faz com que o edifício atual da estação preserve apenas vestígios das suas épocas passadas.Mais se acrescenta que, toda esta questão da linha férrea na cidade das Caldas da Rainha encontra-se numa fase de expetativa com a modernização e eletrificação da linha férrea do Oeste. Essa restruturação apresenta-se como o ponto de viragem deste transporte na região.



Figura 45 - Avenida e Largo da Estação.



Figura 46 - Imagem da Estação de Comboios, 1899.



Figura 47 - Fotografia da estação de comboios 2023.

Antigas Fábricas Bordalo Pinheiro

A Fábrica Bordalo Pinheiro está intrinsecamente ligada ao ceramista português, Rafael Bordalo Pinheiro. Este é um artista de renome em Portugal e dedicou a sua vida à formação artística, não apenas à cerâmica, mas também às artes cênicas e ao desenho, destacando-se também com as suas diversas caricaturas e cartoons reconhecidas publicamente. (MARSHALL, 1999, p. 85 e 86) Nasceu no ceio de uma família de artistas, Rafael Bordalo Pinheiro teve um papel crucial na fundação da Fábrica de cerâmica nas Caldas da Rainha, em parceria com o seu irmão Feliciano Bordalo Pinheiro, que «(...) convenceu Rafael a ajudá-lo a instalar uma fábrica de cerâmica nas Caldas da Rainha.» (MARSHALL, 1999, p. 85)

Em 1883 Rafael Bordalo Pinheiro iniciou o planeamento da Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha com a compra de um terreno para a inserir. E, após um ano assumiu a direção artística da fábrica enquanto o seu irmão a geria. (MARSHALL, 1999, p. 86) Com o passar das décadas a Fábrica Bordalo Pinheiro enfrentou vários períodos de desafios e de escassez de recursos tendo sido subsidiada para ensinar a arte da modelação e da cerâmica, uma medida de apoio governamental para impedir os infortúnios da fábrica. Tendo assim sido formada a Escola Industrial das Caldas da Rainha. (MARSHALL, 1999, p. 87)

No entanto, mesmo com várias ajudas do governo, a fábrica enfrentou dificuldades não se conseguindo reestruturar. No ano de 1892, devido às dificuldades e o baixo número de vendas, tornou-se evidente que a situação era cada vez mais desafiadora. Como resposta a essa conjutura, o filho de Rafael Bordalo Pinheiro, Gustavo Bordalo Pinheiro, assumiu a gestão da fábrica. (MARSHALL, 1999, p. 88) O cenário não era favorável e tinham sido vários períodos complexos, a fábrica acabou por ser demolida. (MARSHALL, 1999, p. 103) E, em 1908, Manuel Gustavo replaneou a nova Fábrica de Faiança Artística Bordalo Pinheiro «San Rafael» que a levou até 1920 – ano da sua morte – tendo sido em 1922 comprada, assim como os moldes originais de Rafael Bordalo Pinheiro. (MARSHALL, 1999, p. 103)

Atualmente, o propósito alterou-se, o fabrico já não é produzido nesta mesma fábrica, apenas a venda de várias peças e elementos tradicionais que marcam e relembram todos os provenientes desta história, em especial, Rafael Bordalo Pinheiro.



Figura 48 - Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha.



Figura 49 - Fotografia da antiga fábrica Bordalo Pinheiro, 2023.

Antigas Fábricas SECLA

A antiga da SECLA- Sociedade de Exportação e Cerâmica SA - foi fundada em 1947 e tornou-se numa das grandes unidades fabris de cerâmica tanto a nível regional como a nível nacional. Caracteriza-se por ser a primeira fábrica da época a romper com a tradição da manufatura cerâmica, aliando o tecnologias experimentais, novas máquinas, estéticas e técnicas vanguardistas.(DUARTE, 2011, p. 22)

Ao longo da história da empresa e devido ao seu grande sucesso, foram abertas três fábricas. A primeira, surge como forma de colmatar a procura pela produção cerâmica das Caldas da Rainha - sobretudo pelo estrangeiro. A segunda, surge após o 25 de Abril, exclusivamente destinada à produção de peças para exportação. E por último, em 1994 inaugura-se a SECLA III na zona industrial da cidade como resposta ao consumo de clientes estrangeiros. (NARCISO, 2018)

No ano de 2008 - período de crise económica - a empresa acabou por fechar e os edifícios destinados, agora, às antigas fábricas SECLA deram origem a novas instalações comerciais. Contudo, por entreposto da Câmara Municipal das Caldas da Rainha preservou-se a fachada da antiga fábrica com o nome da empresa «SECLA» e criou-se um espaço de exposição aberto à criatividade.(in Diário de Notícias, 2018)



Figura 50 - Saida da Fábrica SECLA.



Figura 51 - Fotografia do alçado mantido da fábrica SECLA, 2023.

Praça 25 de abril

A atual Praça 25 de Abril situa-se na antiga «Cerca do Burlão» (SERRA, 2003, p.420). Era neste espaço que durante as invasões francesas, no início do século XIX, se realizavam os fuzilamentos (SOUSA, 2014, p. 143), mais tarde, passa a acolher as principais feiras da cidade, «que eram as feiras de diversão, que, por esses idos anos 50 do século passado, eram, talvez, os maiores acontecimentos festivos da cidade» (ROCHA, 2008). Em 1941 o arquiteto Paulino Montês é convidado pela Câmara para desenhar os planos de urbanização das Caldas e da Foz do Arelho. (SERRA, 2003, p.171) A

> « (...) principal proposta de Paulino Montês foi a criação de um novo bairro comercial e administrativo da cidade, na cerca do Borlão.» (SERRA, 2003, p.173),

seria neste espaço onde passariam a estar instalados

> « (...) os edifícios novos da Câmara Municipal e o mercado municipal, edifícios comerciais (...) e de habitação, um futuro parque municipal e área desportiva.» (SERRA, 2003, p. 173)

Neste plano, o arquiteto visionava o irradiamento de grandes avenidas a partir da «Praça do Municipio» - cerca do burlão - para os extremos da cidade. (SERRA, 2003, p. 173)

É apenas em 1949 que a câmara «(...) finalmente criou condições para abrir a Cerca do Borlão.» (SERRA, 2003, p. 174) Contudo, é também por esta altura que o Padre Teodoro Marques da Silva retoma o projeto de uma nova igreja para a cidade, a Igreja Nossa Senhora da Conceição, situada no mesmo lugar. Após a inauguração da igreja, em 1951, o burlão começa a ser urbanizado, rodeando a mesma em forma de U. Nos anos 90, por necessidade de aumentar o seu espaço com vista a inserir um centro pastoral, a autarquia autorizou a utilização de um terreno adjacente à igreja para a construção do mesmo. (PEREIRA, 2014, p. 147)

Em 1959, o tribunal é erigido pelo Estado Novo, tendo como inspiração para o seu desenho o regime fascista italiano e é implantado

> «(...) exatamente no eixo do sítio exacto em que se deveria iniciar uma longa avenida densamente arborizada (...) projetada pelo Arquitecto Paulino Montês» (NETO, 2014, p. 149).

Este gesto é visto como «(...) uma metáfora da própria ideia de um Estado Novo» (NETO, 2014, p. 149), onde o mesmo é centralizado e materializado na expressão arquitetónica.

Mais tarde, em 1981, iniciou-se a construção do edifício da Câmara, que se inaugurou em 1992. (SOUSA, 2014, p. 143). Percebe-se que embora tenha sido projetado o seu desenho, a Praça, para além de ter demorado 40 anos até ter erguidos os três edifícios que a caracterizam, acabou por assumir um desenho consequente e refletor das várias épocas que passou. Desde a sua concretização até aos dias de hoje tem sofrido poucas alterações, a título de exemplo tem-se a inserção de um parque de estacionamento subterrâneo na mesma, inaugurado em 2015, que levou à cimentação do tabuleiro da praça, outrora relvado.



Figura 52 - Vista do Borlão, 1950.



Figura 53 - Borlão antes de 1956, Igreja de Nossa Senhora da Conceição.



Figura 54 - Fotografia da Praça 25 de abril, 2023.

Silos

Dois edifícios notórios na paisagem das Caldas da Rainha são os edifícios dos silos, situados a nascente e a poente da ferrovia. A nascente, na freguesia de Nossa Senhora do Pópulo, encontra-se a antiga Sociedade Industrial Ceres e a poente, na freguesia de Santo Onofre a antiga EPAC - Empresa Pública de Abastecimento de Cereais. Estes edifícios são elementos de referência na cidade não só devido à sua escala, mas também aos elementos - silos - que remetem automaticamente para a sua função original. Entende-se que o aparecimento destes edifícios são uma consequência direta da inserção da linha de ferro e evidenciam a potência que a mesma foi para o crescimento da cidade. Foram colocados lado a lado com a linha e com plataformas de acesso direto à mesma que facilitava o transporte das suas mercadorias ali produzidas.

A Sociedade Industrial Ceres - empresa de moagem de trigo - nasce em 1912 em Vendas Novas, e é nos anos 50, com a necessidade de se aproximar « (...) ao caminho de ferro e consumidores finais.» (*in* Jornal das Caldas, 2021) acaba por se instalar nas Caldas da Rainha. No entanto, com o início do milénio, e «(...) por razões concorrenciais (...)» (*in* Jornal das Caldas, 2021) a fábrica parou. Contudo, o espaço da antiga fábrica encontra-se requalificado e ao encargo do projeto Silos - Contentor Criativo que tem como principal intenção promover e divulgar projetos artísticos da cidade. A associação desenvolveu vários espaços como ateliers, salas de exposição e performances e espaços de ensaio.

A EPAC - empresa de controlo do mercado nacional de sementes e cereais - surge em 1976 e espalha-se por todo o território nacional, tendo uma das suas instalações nas Caldas. Com a entrada de Portugal para a União Europeia a empresa cai em declínio, acabando por se extinguir em 1999. (conforme o Decreto-Lei n.º 572-A/99, de 29 de Dezembro) A sua infraestrutura na cidade das Caldas, atualmente, encontra-se desocupada e à venda, sendo descrita como um

> «Edifício emblemático situado no coração da cidade de Caldas da Rainha que molda a paisagem urbana e possui um potencial enorme para uma actividade ou negócio» (*in* Gazeta das Caldas, 2019)

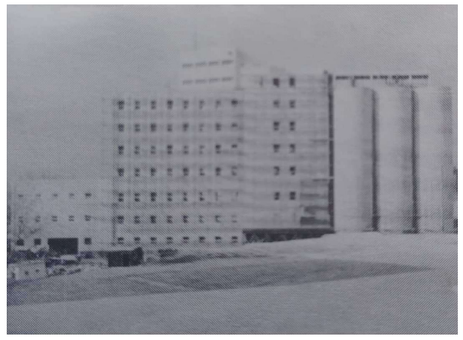


Figura 55 - Imagem dos Silos, 1958/9.



Figura 56 - Fotografia dos Silos, 2023.

Escola de Sargentos do Exército

É possível descrever o edifício da Escola de Sargentos do Exército como o edifício mais a sul da cidade das Caldas da Rainha, encontrando-se numa das suas entradas. A sua origem remota para o ano 1953, quando o Regimento de Infantaria nº 5 das Caldas da Rainha, que, na altura, se encontrava instalada nos Pavilhões do Parque D. Carlos I, muda as suas instalações para o edifício, da atual, Escola de Sargentos do Exército. (RAPOSO, 2015). Ao longo dos anos foi acolhendo diferentes regimentos das Forças Armadas portuguesas e é no ano de 1981 que passa a Escola de Sargentos do Exército. É de realçar a importância do quartel como impulsionador do que foi o 25 de Abril. A 16 de março de 1974 dá-se o Levantamento Militar das Caldas comandado pelo major Armando Ramos que tinha como objetivo derrubar o governo de Marcello Caetano. (PINTO, 2018) O movimento acabou por ter que ser abortado, contudo, considera-se como

> «(...) uma espécie de teste e de prenúncio da insurreição vitoriosa do 25 de abril, ao colocar em marcha um processo de revolta que o regime se mostrou incapaz de conter. » (PINTO, 2018).



Figura 57 - Imagem do Quartel das Caldas da Rainha.



Figura 58 - Imagem do Quartel das Caldas da Rainha.



Figura 59 - Fotografia da Escola dos Sargentos do Exército, 2023.

ESAD

A Escola Superior de Artes e Design - ESAD - é, atualmente, um dos grandes motores da cidade, promovendo o movimento de jovens estudantes e artistas, dando continuidade ao patrimônio criativo da cidade. Situa-se na zona sul, junto ao quartel da Escola de Sargentos do Exército e está rodeada pelo pinhal do «Fiel Amigo» (MATIAS, 2009). No século XIX, era notório o crescimento da atividade termal na cidade. Tendo já Rodrigo Berquó transformado «(...) a zona hospitalar num grande Centro Termal (...)» (MATIAS, 2009), havia a necessidade de «(...) libertar o hospital Termal das "doenças grandes", colocando-as em instalações distantes que não afetassem o local termal (...)» (MATIAS, 2009) É neste sentido, que, em 1893, é construído o Hospital de Santo Isidoro num lugar mais periférico da cidade. Em 1968 acaba por ser desativado (in Gazeta das Caldas, 2012) e em 1977, assim como o Hotel Lisbonense, passa a albergar desalojados das ex-colónias (in Gazeta das Caldas, 2012). Mais tarde, em 1991 é feito um concurso para o projeto da ESAD a tomar lugar na zona do antigo hospital. Os arquitetos Vitor Figueiredo e Eduardo Trigo de Sousa ganham o concurso e a construção da escola inicia-se em 1993, onde devido a crises financeiras apenas se finaliza em 1997. (DIAS, 1995) A escola toma partido das ruínas do antigo hospital para a instalação da sua reitoria e biblioteca. A obra dos arquitetos recebe o Prémio SECIL de Arquitetura em 1998, distinguindo-se como uma «(...) obra de referência na história da arquitetura portuguesa contemporânea.». (in Região de Leiria, 2022) Desenha-se com dois volumes horizontais, um reto e outro curvo, posicionados quase tangencialmente um ao outro. O desenho dir-se-ia tão generoso que «(...) o programa poderia albergar um hotel, ou um aeroporto, ou uma faculdade de arquitetura.» (DIAS, 1995)



Figura 60 - Escola Superior de Artes e Design, 2023.



Figura 61 - Hospital de Santo Isidoro antes da recuperação.



Figura 62 - Recuperação do Hospital de Santo Isidoro, Reitoria da ESAD, 2023.

Centro Cultural e Congressos

A cidade das Caldas da Rainha sempre teve uma relação próxima com a cultura e com a arte, desde a construção do Teatro Pinheiro Chagas, inaugurado em 1901 na, atual, Praça 5 de Outubro (MARTINHO, 2017) até à inauguração do Centro Cultural de Congressos - CCC - em 2008. O aparecimento deste espaço multiusos remota para a altura em que o Teatro Pinheiro Chagas foi demolido. Uma vez que este não apresentava as condições exigidas pelo mundo moderno dos programas culturais a ideia da sua reconstrução sempre fora afastada. (in Caldas da Rainha, Centro Cultural e Congressos)

É em 2006 que é iniciado o projeto do CCC desenhado pelo arquiteto Ilídio Pelicano - atelier ARIPA - e em 2008 dá-se a sua inauguração. (in Caldas da Rainha, Centro Cultural e Congressos) Desde então tem acolhido diversas atividades - concertos, conferências, exposições - oferecendo salas e auditórios multiusos.



Figura 63 - Imagem do Teatro Pinheiro Chagas.



Figura 64 - Centro Cultural e de Congressos das Caldas da Rainha, 2023.

3 Projeto

A proposta geral de turma foca-se na regeneração de espaços da cidade que quando conjugados capacitem a mesma de melhores condições de vida. Num panorama geral, todas as propostas dão primazia à naturreza e espaços verdes, assim como, à circulação pedonal. Para que os veículos desafoguem as ruas da cidade, são propostos três grandes bolsas de estacionamento. Estas bolsas situam-se em pontos de entrada na cidade: a norte nascente junto às piscinas, a norte poente junto à estação de comboios e a sul junta da linha ferrea. Para que fosse possivel visualizar as propostas num todo, foi elaborada a planta presente na figura 65, que incorpora todas as propostas da turma.

Propostas da Turma 1 do 5º ano no ano letivo de 2022/2023:

-Ana Rita Jesus
-Daniela Cristina
-Bernardo Custódio
-David Serralheiro
-Nicolas Monloui
-Ivan Sera
-Maria Inês Vieira



Figura 65 - Propostas da turma.

3.1 O lugar

Após a leitura do território da cidade, passamos para a leitura do território do lugar de intervenção, maioritariamente feita através da análise *in situ*, da análise descrita no capítulo segundo do presente trabalho e conversa com moradores.

Através da planta elaborada pela turma [Figura 3] é visível a divisão em três partes da cidade das Caldas da Rainha. A divisão notória entre o lado nascente e o poente, criada pela linha ferroviária; e a divisão entre o lado norte e sul da zona nascente, marcada pela Avenida 1º de Maio. Para além destas divisórias existem aspetos sociais que também as diferenciam. Verifica-se que a zona norte da cidade acaba por ser uma parte mais esquecida, conferindo em si, ainda, uma malha urbana pouco clara, deixada ao abandono e desconectada da restante envolvente. Realça-se, ainda que não existe espaço público de qualidade quando comparada com a zona a sul - exemplo: Praça da Fruta, rua das montras, Jardim D. Carlos I, entre outros.

Posto isto, a intervenção centra-se na zona nascente a norte, mais precisamente na zona do grande parque de estacionamento junto à PSP [Figura 69]. Olha-se este lugar como um sítio carregado de oportunidades: encontra-se numa das entradas da cidade, tendo fácil acesso ao centro da cidade e tem a capacidade espacial para a inserção de amplos espaços verdes.

Como anteriormente analisado, a cidade das Caldas da Rainha tem como exemplo de algumas das suas grandes problemáticas a alta densidade do edificado, falta de espaços verdes, falta de espaços de permanência e excesso de carros e estacionamento espalhados pela cidade. Na zona de intervenção observam-se algumas destas adversidades, realçando o grande parque de estacionamento caracterizante do lugar e a notória carência de espaços verdes, sendo que mesmo possuindo ruas arborizadas [Figura 72] existe uma total negligência no que toca à sua manutenção.



Figura 66 - Fotografia de empenas e ruínas no lugar, 2023.



Figura 67 - Fotografia de empenas cegas na Rua do Funchal, 2023.



Figura 68 - Vista da rotunda da Rua 31 de Janeiro, 2023



Figura 69 - Ortofotomapa com indicação a amarelo da zona de intervenção.

Nota-se que o que outrora fora uma zona predominante em terrenos agrícolas se tornou num grande espaço asfaltado destinado a estacionamento.

Contudo, o mesmo situa-se numa zona estratégica, pois acaba por ser um ponto de paragem para os visitantes da cidade. Este estacionamento acaba por se tornar numa zona de transição entre a malha inacabada da zona habitacional a sul e a zona a norte predominante em serviços.

A passagem entre o ambiente campestre para citadino que o lugar está a sofrer, quando conjugado com o seu carácter inacabado, faz com que se revelem impasses no que toca à fluidez do espaço. Nomeadamente o aparecimento de grandes empenas por rematar [Figuras 66 e 67], interrompimentos nas ruas e o consequente surgimento de becos [Figura 70]. Contudo, esta mudança (campestre para citadino) não foi sentida no que toca à dimensão da escala dos edifícios, variando entre um a quatro pisos, sendo que existem algumas exceções na Rua António Sérgio - traseiras do tribunal - , onde há edifícios a alcançar os oito pisos.

Após o estudo do local e por intermédio da análise *in situ* percebe-se que esta é uma zona desintegrada da cidade com predominância de habitação precária [Figura 71], espaços mal ordenados e ruínas que acabam por ser apropriadas por sem abrigos. Todos estes fatores criam um ambiente favorável à marginalização. Nota-se que se tira partido do desuso do lugar para o tráfico de drogas, sendo que o beco da Rua 15 de Maio é até conhecido, pelos moradores, como o "beco da droga". Com isto, percebe-se que um lugar público sem público ou um lugar privado deixado ao abandono tornam-se perigosos e negligenciados.



Figura 70 - Vista da Av. General Pedro Cardoso, 2023.



Figura 71 - Habitação precária no meio do estacionamento, 2023.



Figura 72 - Arborização na Rua António Sérgio, 2023.

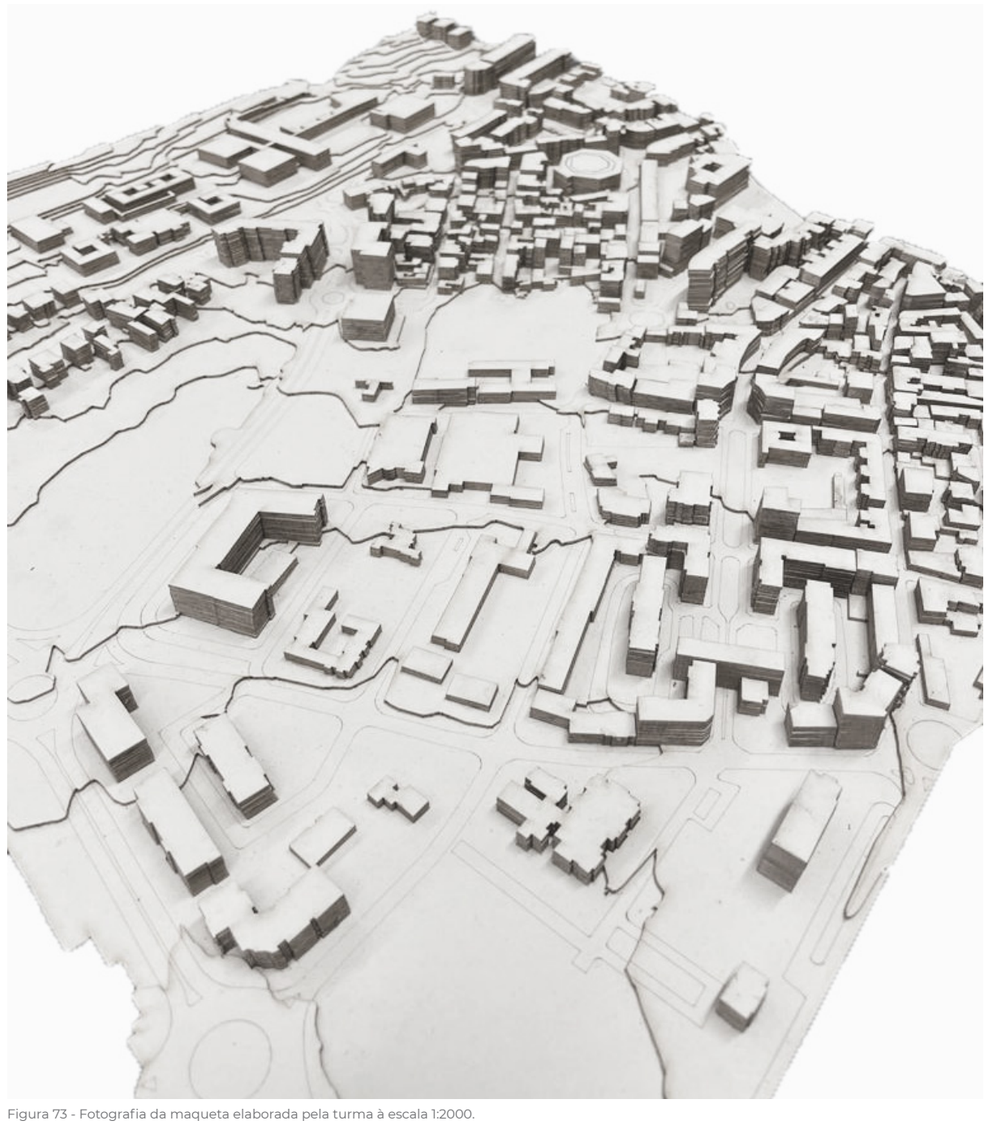


Figura 73 - Fotografia da maqueta elaborada pela turma à escala 1:2000.

3.1.1 Evolução histórica do lugar

Para que melhor se compreenda o lugar escolhido para o desenvolvimento da proposta procede-se à sua análise histórica. Deste modo, foram elaborados esquemas representativos da planta da cidade - relativos aos anos 1926, 1960/70, 2004, 2006, 2009 e 2012 - recorrendo-se a plantas, fotografias aéreas, Cartas Militares e ao Google Earth Pro.

A partir da análise da Planta de 1926 da autoria de Fernando Correia [Figura 13, p.37], percebe-se que o lugar se encontra perto da antiga cerca do Burlão [Figura 74]. Como já referido, no capítulo dos Edifício Relevantes, aquando da análise da Praça 25 de Abril, era no Burlão que se realizavam as feiras da cidade, até 1949 quando se dá o início da sua urbanização e criação da Praça 25 de Abril. Nota-se que esta urbanização não se estendeu para além dos limites a nascente da Cerca do Burlão, não tendo o lugar em estudo sofrido alterações na sua malha. Atualmente, esta malha assume-se como algo difuso, o início de uma data de intenções que se embargaram. Contudo, tem arruamentos do lado sul já definidos desde o ano de 1926, com becos que se mantêm até aos dias de hoje. O limite a norte tem sofrido alterações, sendo que tem vindo a decrescer de tamanho até acabar por ficar na atual Travessa do Acipestre. No que toca a inserção de elementos fulcrais para o desenvolvimento do local em estudo, realça-se a introdução do edifício dos bombeiros - 1981(in Bombeiros das Caldas da Rainha)- , as piscinas - entre 2004 e 2006 - , a Avenida General Pedro Cardoso - 2006 - , e PSP e o Edifício do Oeste Sustentável - entre 2006 e 2009. Por intermédio da observação de cartas militares e vistas aéreas percebe-se que no lugar se encontravam pequenas moradias e campos agrícolas que têm vindo a desaparecer ao longo dos anos. Hoje em dia é possível encontrar pequenas habitações que conseguiram sobreviver à grande cimentação e evolução que o lugar sofreu.

É de realçar as várias intenções previstas no plano do Arquiteto Paulino Montez de 1926 [Figura 14, p.37]. Neste plano é visível a proposta do alargamento da via pública, assim como a arborização da mesma, e inserção de espaços verdes dentro da cidade. Percebe-se também que tinha a intenção de criar avenidas que melhorassem a ligação das periferias ao interior da cidade, realçando-se a atual Rua António Sérgio, nas traseiras do tribunal, que foi parcialmente construída.



Figura 74 - Vista do Burlão em 1950.

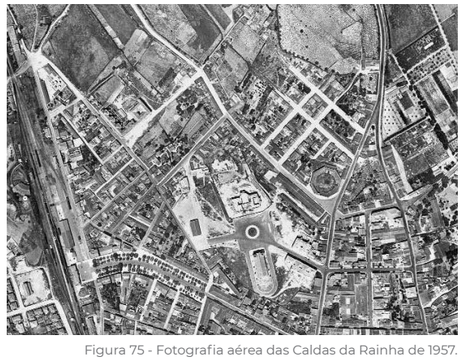


Figura 75 - Fotografia aérea das Caldas da Rainha de 1957.

Anos 20

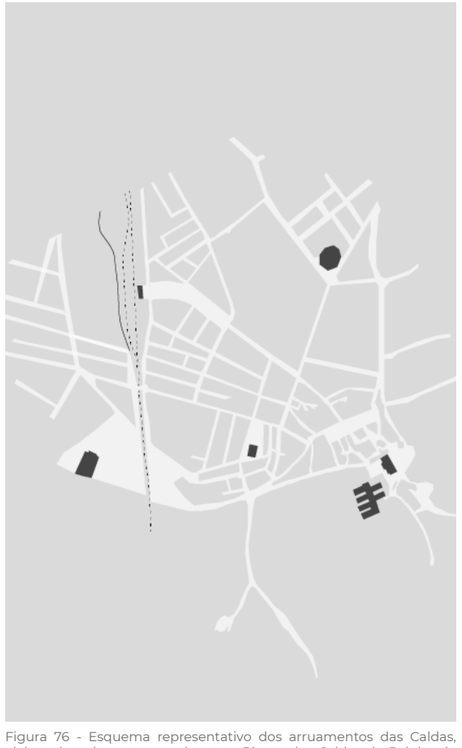


Figura 76 - Esquema representativo dos arruamentos das Caldas, elaborado pelo autor com base na Planta das Caldas da Rainha de 1926 da autoria de Fernando Correia.

1960/70



Figura 77 - Esquema representativo da planta das Caldas, elaborado pelo autor com base na Carta Miliitar de 1960/70..

2004



Figura 78 - Esquema representativo da planta das Caldas,elaborado pelo autor com base na Carta Militar de 2004.

2006



Figura 79 - Esquema representativo da planta das Caldas em 2006, elaborado pelo autor com recurso ao Google Earth Pro.

2009



Figura 80 - Esquema representativo da planta das Caldas em 2009, elaborado pelo autor com recurso ao Google Earth Pro.

2012



Figura 81 - Esquema representativo da planta das Caldas em 2012, elaborado pelo autor com recurso ao Google Earth Pro.

3.2 O privado e o público

Ao longo do desenvolvimento da proposta deparamo-nos com a inevitável questão do que é considerado privado ou público. E como tal, o trabalho estuda esta relação tendo em conta várias visões da mesma e o impacto que esta tem na cidade tendo em conta fatores como a segurança dos espaços, qualidade dos mesmos e que tipos de fronteiras existem entre eles. Para que melhor se desenvolva esta reflexão são estudadas obras como *A Arquitetura da Cidade* de Aldo Rossi, *Morte e Vida das Grandes Cidades* de Jane Jacobs, *A Imagem da Cidade* de Kevin Lynch, *Lições de Arquitetura* de Herman Hertzberger, *Design Guidelines for Creating Defensible Spaces* de Oscar Newman, entre outras.

> «O parcelamento do terreno, por um lado, é uma degeneração da cidade, mas, por outro, promove-lhe realmente o desenvolvimento» (ROSSI, 1996, p.200).

Através da visão de Rossi, descrita no livro *A Arquitetura da Cidade*, sobre o parcelamento da cidade, pode deduzir-se que este promove o desenvolvimento da mesma na medida em que atribui uns pequenos metros quadrados ao indivíduo. E é através da adição destes vários metros quadrados atribuídos a indivíduos diferentes que a cidade se desenha como um espelho de quem dela usufrui e nela habita. E é neste sentido que, como escreveu Lynch no livro *A Imagem da Cidade*:

> «Os elementos móveis da cidade, (...) as pessoas e as suas atividades, são tão importantes como as suas partes físicas e imóveis. Não somos apenas observadores deste espetáculo, mas sim uma parte ativa dele» (LYNCH, 1959, p. 9),

o ser individual carrega grande importância não só no desenvolvimento da cidade como na sua imagem.

A arquitetura - elemento imóvel da cidade - não existe apenas enquanto elemento só e individual. Existe enquanto elemento de auxílio e ao dispor da sociedade, porquanto o próprio edificado tem que ser coerente com as multiplicidades que nele alberga, nomeadamente os habitantes e os seus modos de viver e de trabalhar. Partindo do princípio que a sociedade é um organismo vivo, em constante mudança e evolução que vai tendo diferentes necessidades ao longo do tempo, também a arquitetura da cidade tem que acompanhar a evolução da sociedade de modo a responder às suas necessidades. Não se defende um ciclo de criação e destruição como em Manhattan no livro *Delirious New York* de Rem Koolhas, mas acredita-se que deva existir uma relação simbiótica entre a arquitetura da cidade e os seus habitantes. O coletivo é uma entidade por si só, mas as individualidades que o compõem não deixam de ser pertinentes. O contraste entre o particular e o universal, o individual e o coletivo, manifesta-se de diversas formas, nomeadamente nas relações entre as esferas públicas e privadas, contrapondo-se e confundindo-se na cidade, em que o indivíduo procura encontrar o melhor para si num ambiente geral. (ROSSI, 2021)

Assim a cidade não se resume apenas à diferença e multiplicidade dos seus habitantes, mas à sua forma. Porque uma das características da malha urbana é a sua mutabilidade, por diversos factores. As guerras e a consequente destruição, a gentrificação, o abandono, tudo isso altera o carácter do habitante e os próprios habitantes, criando um ambiente em constante mutação. O que fica, o permanente, são os monumentos urbanos, «elementos primários, quais pontos fixos da dinâmica urbana» (ROSSI, 2021). A cidade é então um objeto feito pelo homem, o resultado complexo de um esforço de urbanismo e arquitetura que se expande e desenvolve para albergar os seus, adquirindo «consciência e memória de si própria» (ROSSI, 2021, p 27), mantendo os motivos que levaram à sua origem mas, modificando os motivos do seu próprio desenvolvimento (ROSSI, 2021).

Passemos, então, à compreensão dos espaços existentes na cidade e à desmistificação dos conceitos de privado e de público.

Para Jacobs, existem dois tipos de espaços na cidade: o espaço público e o espaço especial. O

> «espaço público é utilizado para a circulação pública geral de pedestres. É um espaço em que as pessoas se movimentam livremente, por livre escolha, no percurso de um lugar a outro. Ele inclui as ruas, vários dos parques menores e às vezes os saguões de prédios, quando usados livremente como área de circulação.» (JACOBS, 2011, p.180).

O

> «espaço especial, não é normalmente utilizado como via pública pelos pedestres. Pode ou não ter construções; pode ou não ser propriedade pública; pode ou não ser acessível às pessoas. Isso não importa. O que importa é que as pessoas andam em torno dele, ou ao longo dele, mas não através dele.» (JACOBS, 2011, p.180).

A título de exemplo pode-se considerar as Plantas de Nolli como forma de distinguir espaços públicos de especiais tendo como base o pensamento de Jacobs.

Bruno Zevi segue uma linha de pensamento parecida a Jacobs, onde enuncia dois tipos de espaços: o interior e o exterior:

> «(...) visto que todos os volumes arquitetônicos, todos os invólucros murais, constituem um limite, um corte na continuidade espacial, é óbvio que todos os edifícios colaboram para a criação de dois espaços: interiores, definidos perfeitamente pela obra arquitetônica, e os exteriores ou urbanísticos, encerrados nessa obra e nas contíguas» (ZEVI, 1996, p.25).

Contudo, esclarece que é necessária a existência de um elemento delimitador do "vazio" para que este se torne um espaço arquitetônico - interior ou exterior.

Hertzberger, no livro *Lições de Arquitetura*, defende que

> «pública é uma área acessível a todos a qualquer momento; a responsabilidade por sua manutenção é assumida coletivamente. Privada é uma área cujo acesso é determinado por um pequeno grupo ou por uma pessoa, que tem a responsabilidade de mantê-la.» (HERTZBERGER, 1999, p.12).

Deste modo, os conceitos de privado e público estão automaticamente dependentes do grau de acesso que se dá ao espaço. Para o arquiteto há que enunciar, ainda, a existência de espaços semi públicos e semi privados, dando como exemplo a roupa estendida a secar nos cordéis virados para a rua, onde o indivíduo usa o espaço público para o seu interesse. Caracterizando estas zonas como

> «equívocas demais para acomodar as subtilezas que devem ser levadas em conta ao projetar cada espaço e cada área» (HERTZBERGER, 1999, p.16).

Contudo, reconhece a importância destes espaços e defende que o arquiteto deve ter consciência dos mesmos aquando no desenvolvimento do projeto. Desta forma, o arquiteto deve utilizar as gradações adequadas, criando um ambiente que delegue responsabilidades, de modo a que os indivíduos «exerçam qualquer influência pessoal no seu ambiente» (HERTZBERGER, 1999, p.25) para que não se chegue ao limite em que «determinado espaço é tão público que ninguém se sente inclinado a exercer influência nele» (HERTZBERGER, 1999, p.25).

Oscar Newman, no livro *Design Guidelines for Creating Defensible Spaces*, através de ilustrações, faz a distinção entre espaços públicos, semi públicos, semi privados e privados, tratando os espaços semi públicos e semi privados como espaços de transição. Esta categorização é feita através do mesmo raciocínio que Hertzberger, de acordo com o grau de acesso.

Simon Unwin faz a distinção de espaços através do seu uso, discriminando espaços estáticos - de permanência - e espaços dinâmicos - de circulação-, onde entre os mesmo existe uma transição hierárquica. Usando como exemplo a casa de Ernest Gimson, projetada pelo mesmo no final do século XIX, Unwin faz a categorização dos quatro espaços existentes na zona de transição:

> «(...) el camino es un espacio "público", entonces el patio de entrada es "semipúblico", el porche es "semiprivado", y la sala de estar es totalmente "privada".» (UNWIN, 2003, p.159)

- o passeio é um espaço "público", então o pátio de entrada é "semi-público", o alpendre é "semi privado", e a sala de estar é totalmente "privada".

Percebe-se que a definição do que é privado é muito mais clara do que a definição do que é público. Uma constatação ligeiramente óbvia, se existe um muro, uma porta, um gradeamento, um corte efetivo no plano horizontal que nos impeça o atravessamento, assume-se que do outro lado do limite se trate de um lugar privado. Por vezes, este corte é feito à faca, não existindo qualquer preparação ou filtro antecipando o mesmo. A definição de espaço público por vezes também é direta, partindo do princípio que não há nenhum tipo de barreira ou sinalética que indique que o espaço é privado, assume-se o mesmo como público. No entanto, existem espaços com os quais nos deparamos no nosso quotidiano que não pertencem nem à esfera pública nem à privada, mas sim a um intermédio das duas.

3.2.1 Limites e fronteiras

O pensamento em espaço público para as pessoas e para a cidade tem que ser levado com seriedade, uma vez que não é apenas pelo mesmo existir que as pessoas vão usufruir dele,

> «(...) as pessoas não utilizam as áreas livres só porque elas estão lá, e os urbanistas e planejadores urbanos gostariam que utilizassem(...)» (JACOBS, 2011, p.70).

Existem parâmetros que têm que ser tidos em conta para que o espaço público criado seja efetivamente utilizado, como por exemplo a segurança, o lugar onde se situa na cidade e o que existe à sua volta que influenciará diretamente quem o irá utilizar. Gehl, indo ao encontro do raciocínio de Jacobs, compreende que para que o espaço público seja efetivamente utilizado há que haver estímulos que levem as pessoas a se deslocar até ele, não apenas por o mesmo ser agradável, mas também, por haver trocas sociais na sua esfera, dando o exemplo de lojas, cafés ou até mesmo a existência de vãos nos pisos térreos dos edifícios. As

> «(...) atividades sociais exigem a presença de outras pessoas e incluem todas as formas de comunicação entre pessoas no espaço público. Se há vida e atividade no espaço urbano, então também existem muitas trocas sociais. Se o espaço da cidade for desolado e vazio, nada acontece.» (GEHL, 2014, p.22)

Um dos temas abordados por Jacobs no livro *Morte e Vida de Grandes Cidades* é a questão da segurança na via pública. Olha-se a influência e presença do indivíduo como um fator indicativo de zona segura. Os espaços que pertencem a todos e não pertencem a ninguém acabam por se tornar vigiados através do olhar de quem os utiliza. Acrescenta que uma rua quando recebe desconhecidos se

torna segura devido à presença dos mesmos: «(...) uma rua movimentada consegue garantir a segurança; uma rua deserta, não.» (JACOBS, 2011, p.33). Defende, ainda, que um dos fatores fundamental para que tal aconteça seja a separação nítida entre o privado e o público, havendo uma separação física, de modo a que a zona que necessita de vigilância tenha os seus limites bem definidos.

Questionamo-nos, então, que fronteiras são estas e como devem existir e ser desenhadas. Que forma se desenha quando as esferas pública e privada se tocam? Partindo da análise feita acima, entende-se que existe uma ideia comum no que toca aos espaços intermédios. Para Hertzberger a relação do espaço público com o privado não se deve assumir enquanto uma oposição, onde os extremos nunca se tocam, defendendo que deve existir uma morfose gradual entre os mesmos. Esta morfose acontece nos espaços de «intervalo», espaços de transição e conexão entre o público e o privado, como exemplo as soleiras das portas. Estes espaços são capazes de carregar a sensação de segurança de um espaço privado, mas também a sensação de ambiente não controlado e desconhecido de um espaço público.

> «Esta dualidade existe graças à qualidade espacial da soleira como uma plataforma, um lugar em que dois mundos se superpõem em vez de estarem rigidamente demarcados.» (HERTZBERGER, 1999, p.32).

Newman segue a mesma linha de pensamento, defendendo que os espaços de transição promovem a segurança do lugar, uma vez que existe o envolvimento dos moradores nos mesmos. Deste modo, estes espaços de transição entre o público e o privado permitem aos moradores que assumam controle das zonas periféricas à sua habitação, fazendo com que aumente a segurança nestas zonas. Gehl olha estes espaços como agradáveis: «(...) esse espaço de transição é de facto um bom lugar para ficar na cidade» (GEHL, 2014, p.75), dando como exemplo recuos nos edifícios, onde as pessoas, de costas viradas para o alçado têm um visão total sobre o que se passa à sua frente, não havendo a possibilidade de existir perigo vindo detrás.

Entende-se que por um lado existem fronteiras entre o público e o privado que se estabelecem sem recurso a muros, gradeamentos nem volumes palpáveis, mas através de hierarquização de espaços onde se faz a filtragem do acesso do espaço público para o privado.

> «Os espaços de transição da cidade limitam o campo visual e definem o espaço individual (...) contribuem de forma crucial para a experiência espacial e para a consciência do espaço individual como lugar» (GEHL, 2014, p.75).

Estes espaços de transição assumem-se enquanto uma fronteira dúbia e permeável, desenhada a lápis que apenas existe enquanto limite graças à intuição humana. Isto, uma vez que é a partir das sensações recebidas nos espaços que o indivíduo se encara enquanto elemento bem vindo ou não no lugar. A título de exemplo pode enunciar-se uma zona recuada do edifício com caixas de correio, assume-se enquanto um espaço que pode receber toda a gente, contudo, qualquer pessoa que lá se encontre que não more no edifício, aquando a presença de alguém que se dirige à caixa de correio para tirar as suas correspondências, sentirá que aquele espaço é mais do outro do que seu.

Por outro lado, existem as fronteiras palpáveis, que cortam a fluidez do espaço e que garantem, a quem por ali passe, que do outro lado acontece algo ao qual não lhe compete. Estas fronteiras podem ou não ser permeáveis, podem ou não permitir que o olhar as devasse, contudo, assumem-se enquanto rígidas e claras na sua interpretação.

Como referido anteriormente, compreende-se que estas fronteiras, colaboram para a segurança do espaço público, assumem-se enquanto «pontos de troca entre interior e exterior» (GEHL, 2014, p.75), e, por isso, entende-se que para que tal aconteça, tenha que existir uma permeabilidade, pelo menos visual, entre as esferas em questão. Como afirma Gehl: «Os mais velhos acompanham a vida e as atividades da vizinhança através de suas janelas, sacadas e bancos» (GEHL, 2014, p.23).

3.2.2 Materialidade

Uma vez sabendo que tipos de fronteiras e limites existem, debrucemo-nos sobre a sua materialidade.

Para Zevi, o espaço, seja ele público ou privado, é tudo o que se encontra dentro de algo a que se possa chamar limite.

> «A experiência espacial própria da arquitetura prolonga-se na cidade, nas ruas e praças, nos becos e parques, nos estádios e jardins, onde quer que a obra do homem haja limitados "vazios", isto é, tenha criado espaços fechados (...) tudo o que é visualmente limitado por cortinas, quer sejam muros, fileiras de árvores ou cenários, é caracterizado pelos mesmos elementos que distinguem o espaço arquitetônico.» (ZEVI, 1996, p. 25).

Hertzberger defende que a fronteira entre o privado e o público se assume como um transição, esta que pode acontecer através da «(...) articulação de forma, material, luz e cor (...)» (HERTZBERGER, 1996, p.19), utilizando como exemplo as portas de vidro.

Partindo da reflexão anterior, é de notar a primazia dada à penetração visual da fronteira, esta que se pode desenhar a partir de uma materialidade translúcida ou pela simples abertura de vãos nos alçados:

> «O tratamento dos espaços de transição da cidade, em especial, os andares mais baixos dos edifícios, tem influência decisiva na vida no espaço urbano» (GEHL, 2014, p.75).

Não é preciso ir muito longe para encontrarmos exemplos efetivos sobre o que se reflete acima. A título de exemplo tem-se o Jardim da Estrela em Lisboa, ou até mesmo o Jardim D. Carlos I nas Caldas da Rainha. Ambos são espaços verdes semi-públicos que têm visivelmente desenhado o seu limite através de gradeamento, mantendo uma relação visual com a sua envolvente.

3.2.3 O Público e o Privado

No desenvolvimento da proposta, a relação privado/público torna-se tema uma vez que o lugar escolhido para intervir se mostrava muito indefinido neste aspeto. Havendo alturas onde o privado e o público se unem, deixando dubio qual o grau de acesso que estava a ser dado aos habitantes da cidade. Como já referido, esta característica proporcionou a que o lugar se tornasse marginalizado e inseguro, deixando desconfiado qualquer pessoa que usufruísse do mesmo.

Tendo como objetivo requalificar o lugar e fazendo com que o mesmo se torne confortável para o encontro de pessoas e como zona de lazer, são delimitadas as fronteiras entre espaços, seguindo o pensamento de Jacobs de que para que os lugares sejam seguros as suas fronteiras têm que estar bem definidas. Para que estas fronteiras sejam delimitadas, há que definir primeiro os espaços, utilizando o grau de acesso como mediador desta definição. Assim sendo, assume-se que o espaço público é o acessível a todos sem restrição de horário, o semi-público é o acessível a todos apenas a determinadas horas e o privado é o interior dos edifícios. Neste sentido, tem-se o grande jardim como espaço público e o interior do quarteirão como semi-público.

Tendo em conta a reflexão feita ao longo do capítulo, entende que existem fatores cruciais para o bom desenvolvimento de um espaço público, entre eles estão a segurança, a permeabilidade entre espaços e a criação de estímulos que atraiam as pessoas até ao lugar. Espera-se que os limites desenhados tenham a capacidade de carregar todos estes fatores acima enunciados. Deste modo, o desenho destas fronteiras na proposta tem como principal objetivo manter uma relação visual direta entre a esfera pública e a semi pública. Como ambas as esferas são zonas de lazer e espaços verdes, a opção no que toca ao desenho da fronteira, não se cinge apenas pela questão da privacidade, mas sim pela garantia de segurança. Ou seja, um dos espaços apenas se assume enquanto semi público para que se torne mais seguro, não tendo como objetivo principal tornar-se mais privado. Deste modo, o limite é feito através de gradeamento que funciona como filtro entre espaços. Contudo, estas fronteiras podem ser devassadas. São tidos como exemplo alguns jardins portugueses, como o jardim de santos, o jardim da estrela e o jardim da gulbenkian, que carregam um caráter semi-público / semi-privado, onde o seu acesso está restrito a horas específicas do dia para que a sua utilização seja mais segura e, consequentemente, mais confortável.

Seguindo o pensamento de Gehl, de que as pessoas necessitam de estímulos para que, de facto, se dirijam aos espaços, os programas propostos para a zona de intervenção assumem-se enquanto espaços de encontro - zonas de restauração - e de habitação. Deste modo, promovem-se trocas sociais e consequentemente o movimento de pessoas no espaço público desenhado.

3.3 Proposta

Durante a análise à cidade, em grupo, mencionam-se «espaços vazios», tanto na parte do mapeamento da cidade, onde se identificaram os vários tipos de vazios – ruína, estacionamento, etc –, como na análise SWOT. O conceito foi, inicialmente, introduzido por alguns académicos e cientistas, incluindo geógrafos alemães como Wolfgang Hartke e K. Ruppert, que denominam o termo die sozialbrache - vazio social - em 1952, para determinar terras cultivadas deixadas sem uso por razões económicas e sociais (MENDONÇA, 2001). Outra definição apresentada foi a do geógrafo francês Jean Labasse, em 1966, a partir do termo friches industrielles - baldios industriais - para caracterizar «um espaço, construído ou não, desocupado ou sem muita utilização; antes ocupado por actividades industriais ou outras actividades ligadas à indústria.» (MENDONÇA, 2001). Estes espaços vazios, atualmente, identificam-se como «vazios urbanos» e são definidos por áreas vagas ou inúteis dentro do tecido da cidade.

Estes vazios podem assumir várias formas, incluindo edifícios abandonados ou em ruínas, terrenos baldios, ou espaço público negligenciados. Sendo que podem surgir devido a vários motivos, sejam eles económicos, sociais, a falhas no planeamento urbano, ou até a desastres naturais. Geralmente estes vazios apresentam desafios tanto para políticos como para urbanistas, uma vez que podem influenciar negativamente a vitalidade e funcionalidade da cidade. No entanto, percebe-se que os espaços em questão podem também oferecer oportunidades no que toca à regeneração do tecido urbano.

Deste modo, a proposta tem como objetivo o aproveitamento dos «espaços vazios» como forma de cerzir e requalificar uma parte da cidade mais desintegrada das Caldas da Rainha, intervindo a diferentes escalas, tendo como elo de ligação a natureza e principal prioridade a primazia ao peão. Em colaboração com as colegas Adriana do Carmo e Ana Rita Jesus é elaborado o plano do que será o novo percurso entre a Praça 25 de Abril e a zona norte da linha férrea. Este percurso passa pelo quartel da PSP e dos bombeiros, seguindo para os «prédios Viola» e que posteriormente criará um acesso mais confortável à área norte da ferrovia [Figura 82]. A intervenção promove ligações entre quarteirões, aumentando a fluidez do espaço, são arborizadas ruas, proporcionando maior sombra e diminuindo as ilhas de calor urbano (BLANCHAR, 2022) e são propostas zonas de permanência e de lazer.

A estratégia elaborada parte da intenção de ocupar espaços vazios recorrendo o mínimo possível à construção, aumentar e valorizar as zonas verdes da cidade e desocupar as ruas de veículos. Deste modo, é contrariada a grande evidência da alta densidade de edificado na cidade e melhorada a qualidade de vida de quem nela habita. Como referido, são tidos em conta os problemas da parca gestão do estacionamento e o excesso de automóveis a circular na cidade. Uma vez que a cidade tem uma dimensão relativamente pequena e é facilmente percorrida a pé, acredita-se que seja benéfico a concentração de estacionamento em bolsas, em pontos específicos e estrategicamente escolhidos dentro da cidade. Deste modo, propõem-se algumas bolsas de estacionamento, nomeadamente perto da entrada da cidade a norte - junto às piscinas - e na zona norte da estação de caminhos de ferro. Estes novos estacionamentos ajudam a retirar os automóveis das ruas e a devolvê-las aos cidadãos, promovendo o conceito de «15-minute-city», criado por Carlos Moreno. Este urbanista defende que os bairros onde as pessoas possam atender à maioria das suas necessidades básicas numa curta caminhada ou num passeio de bicicleta tem como consequências não só a melhoria da saúde da população, mas também a promoção da economia local e benefícios ambientais duradouros (The C40 Knowledge Hub, 2020). Esta proposta para a gestão do estacionamento permitirá um reforço da aplicação deste conceito na cidade das Caldas da Rainha, e assim melhorar a qualidade de vida dos habitantes.



Figura 82 - Esquema sintese da proposta de grupo (em colaboração com as colegas Ana Rita Jesus e Adriana do Carmo), com as ligações a vermelho.



Figura 83 - Planta do existente. 1.1000.



Figura 84 - Planta da proposta. 1.1000

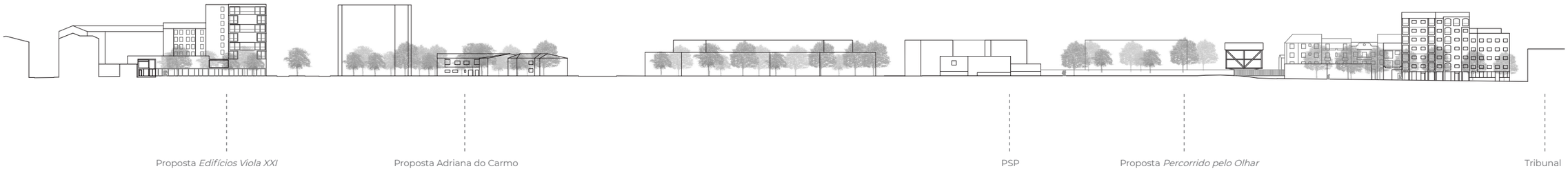


Figura 85 - Corte pelo percurso.



Figura 86 - Fotomontagem da proposta vista a partir da Rua 31 de Janeiro.

A proposta individual parte da vontade de requalificar o espaço inacabado da cidade atribuindo-lhe novas utilidades. Cria-se um espaço verde de lazer para a cidade que se liga através de ruas arborizadas ao resto das Caldas da Rainha e dá-se-lhe uma frente que carrega um programa de cariz social. Tem-se ainda em consideração uma bolsa de estacionamento, zonas habitacionais a norte e zonas de restauração. Promovendo a fluidez do espaço torna-se possível o atravessamento de quarteirões através da requalificação dos mesmos.

Como referido, a proposta recorre o mínimo possível à construção. Tendo esta premissa em mente e para requalificar o lugar são sugeridos seis volumes. Seguindo o percurso do tribunal para a PSP encontra-se o primeiro momento:

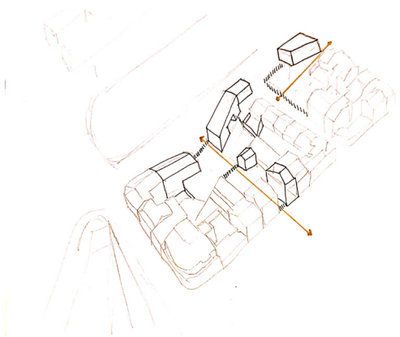


Figura 87 - Axonometria representativa dos atravessamentos dos quarteirões.



Figura 88 - Axonometria da proposta.

A *Porta para o Jardim* - O que hoje em dia são ruínas deixadas ao abandono olha-se como uma oportunidade para a criação de um pequeno refúgio e ponto de partida do percurso criado. Este gaveto é a rótula que conduzirá para a restante proposta e que se assume enquanto porta de entrada para o grande jardim proposto. Deste modo, fecha-se completamente para o ruído, virando-se muito para si próprio. Relaciona-se com os edifícios vizinhos adquirindo um pé direito baixo, contudo, descola-se dos mesmos, abrindo mais passagens entre ruas. É desenhado enquanto um braço que abraça e recebe quem chega vindo do tribunal. A nível de programa, carrega um pequeno café com um pequeno relvado arborizado, protegido do caos externo por um corredor curvo que poderá receber pequenas exposições no seu interior.



Figura 89 - Planta da Porta do Jardim. 1.500.



Figura 90 - Fotografia da zona de intervenção, 2023.



Figura 91 - Vista da proposta da Porta do Jardim.



Figura 92 - Fotomontagem representativa da zona de intervenção.

O jardim - Após o primeiro momento, chega-se ao jardim proposto, desenhado com arborização a proteger do ruído vindo da rua e seguindo-se até ao edifício do oeste sustentável. Este jardim torna-se uma mais valia para os habitantes da cidade, promovendo espaço verde e de permanência de qualidade. Um lugar utilizado pela população não só por apenas existir, mas também devido aos programas que o rodeiam. Como frente para o jardim propõe-se o centro de reinserção social - A Casa do Jardim e uma pequena zona de restauração com um jardim fechado.

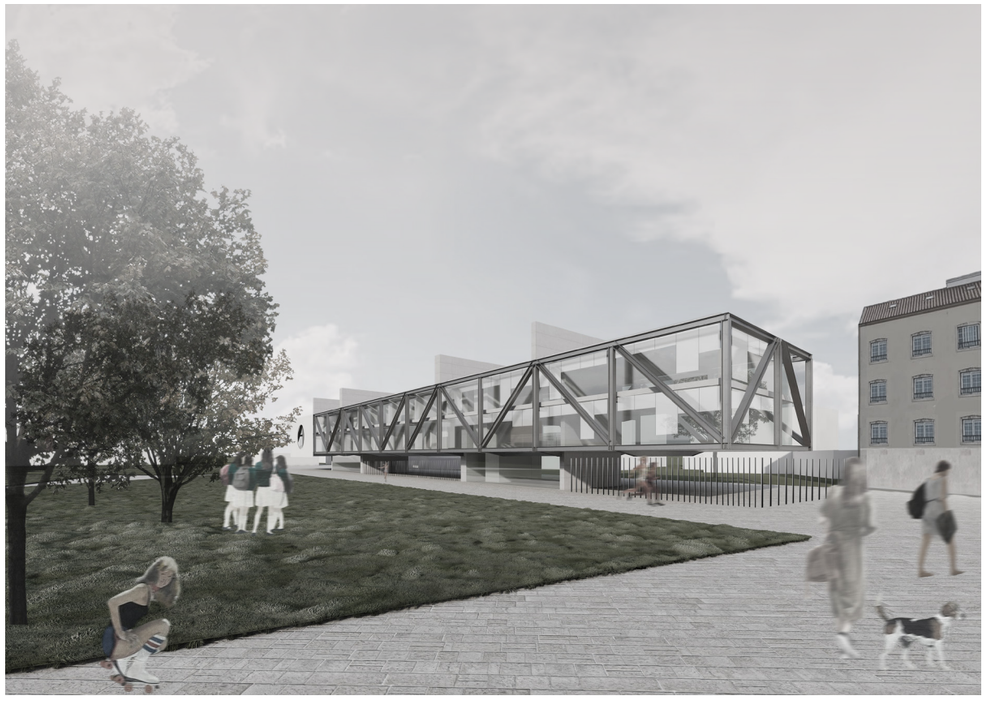


Figura 93 - Vista do jardim proposto.

A *Casa do Jardim* - A Casa do Jardim para além de uma frente para o jardim, desenha-se como limite norte do quarteirão atualmente inacabado. Deste modo, assume-se enquanto elemento de filtragem entre o interior e o exterior do quarteirão, afirmando-se enquanto volume independente da restante envolvente, não tocando nas pré-existências. Como já referido, ao longo do desenvolvimento da proposta, é estudada a relação entre o privado e o público. Neste caso, o interior do quarteirão assume-se enquanto uma extensão do jardim proposto, caracterizando-se como um espaço semi público, que permite o acesso e o seu atravessamento a determinadas horas do dia. Para que se realce esta relação entre os espaços existe sempre uma permeabilidade visual entre os mesmos. Desta forma o edifício projetado eleva-se do chão e o limite entre o público e o semi público é desenhado através de gradeamento.



Figura 94 - Fotomontagem representativa da zona de intervenção.

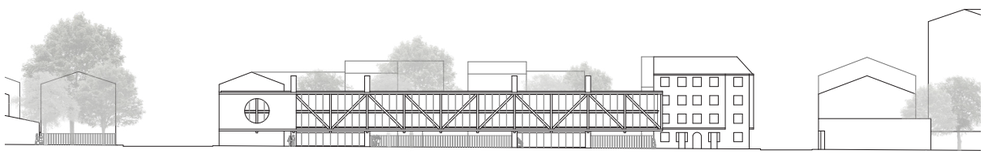


Figura 95 - Alçado norte. 1.1000.



Figura 96 - Planta da Casa do Jardim. 1.500.

O edifício caracteriza-se enquanto uma gaiola que se eleva do chão, tendo dois volumes que tocam no chão. Estes volumes para além de assegurarem o acesso vertical do edifício carregam ainda uma zona de refeições e uma sala multiusos. No piso superior encontra-se a zona administrativa, salas de estudo e de apoio, uma zona de convívio e uma biblioteca, no último piso situa-se a zona dos quartos e espaços de balneário.

Percebe-se que a estrutura do edifício acaba por ditar a organização interior do mesmo. Claro que a opção escolhida para a estrutura proporciona o ambiente favorável para que o espaço interior seja versátil e que a sua organização possa facilmente ser mudada ao longo dos anos, adquirindo ao edifício a capacidade de acolher os mais diferenciados programas. Porém, o desenho da estrutura indica desde logo a inserção de dois corredores em todo o seu comprimento, mantendo os espaços para o desenvolvimento do programa centralizados. Este desenho torna possível que as zonas de circulação se assumam para além da sua função e se tornem, também, em espaços de contemplação e de estar. Para que esta opção de projeto não condicione as condições a nível de ventilação dos espaços interiores, capacita-se o edifício de uma ventilação transversal, sendo que os espaços se abrem para a zona de circulação e que esta se abre para o exterior.



Figura 97 - Vista do interior de um quarto.



Figura 98 - Vista do interior do edifício.

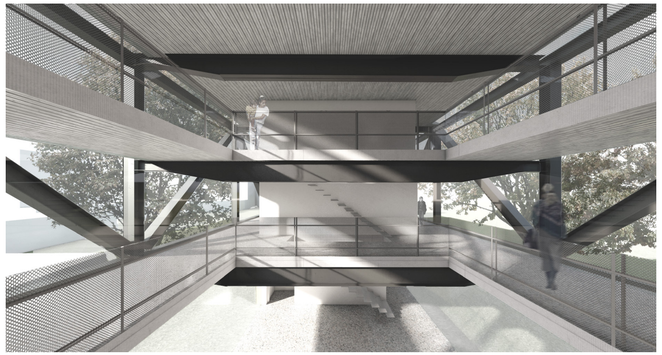


Figura 99 - Vista do interior do edifício.

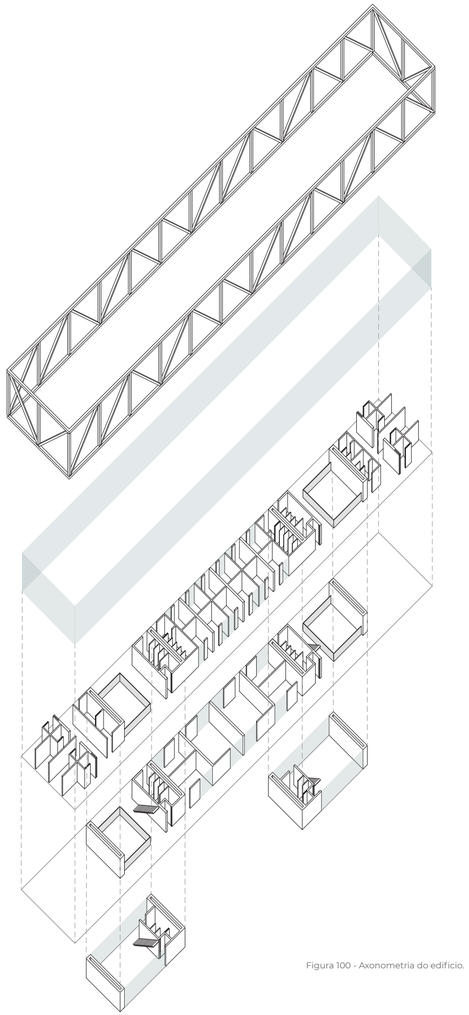


Figura 100 - Axonometria do edifício.

Uma vez que a intenção do projeto leva a que o piso térreo seja maioritariamente desocupado, a estrutura do edifício torna-se um elemento fulcral para o desenvolvimento do mesmo. Deste modo, desenha-se uma estrutura metálica, que carrega dois pisos, que fica suspensa em quatro paredes de betão. Estas paredes de betão são os únicos elementos estruturais que tocam no chão, e percorrem o edifício em toda a sua altura. Desenham-se enquanto quatro grandes T's, onde os seus topos se vislumbram na cobertura do edifício. Têm uma espessura de 90 cm para que seja possível controlar e travar possíveis movimentos da estrutura, e são ocas no seu interior, pois é nesse miolo que passa tudo o que se trate de águas e maquinaria do edifício. A estrutura metálica é treliçada e desenha-se com perfis H de 30 centímetros de altura no seu comprimento, 72 metros, com vãos de 12 em 12 metros suportados por vigas de 60 centímetros de altura. A estrutura encontra-se por fora do edifício, sendo que existe ainda uma caixa de vidro por dentro da mesma que separa o interior do exterior. Na distância entre o vidro e a estrutura metálica existe uma pequena área de apoio e de serviço com gradil metálico que torna possível o acesso ao exterior. O edifício tem lajes colaborantes de modo a que se torne mais leve, sendo nestas onde se encontram os isolamentos térmicos. No que toca ao sombreamento, são utilizados estores de tecido em rolo no exterior do efício.

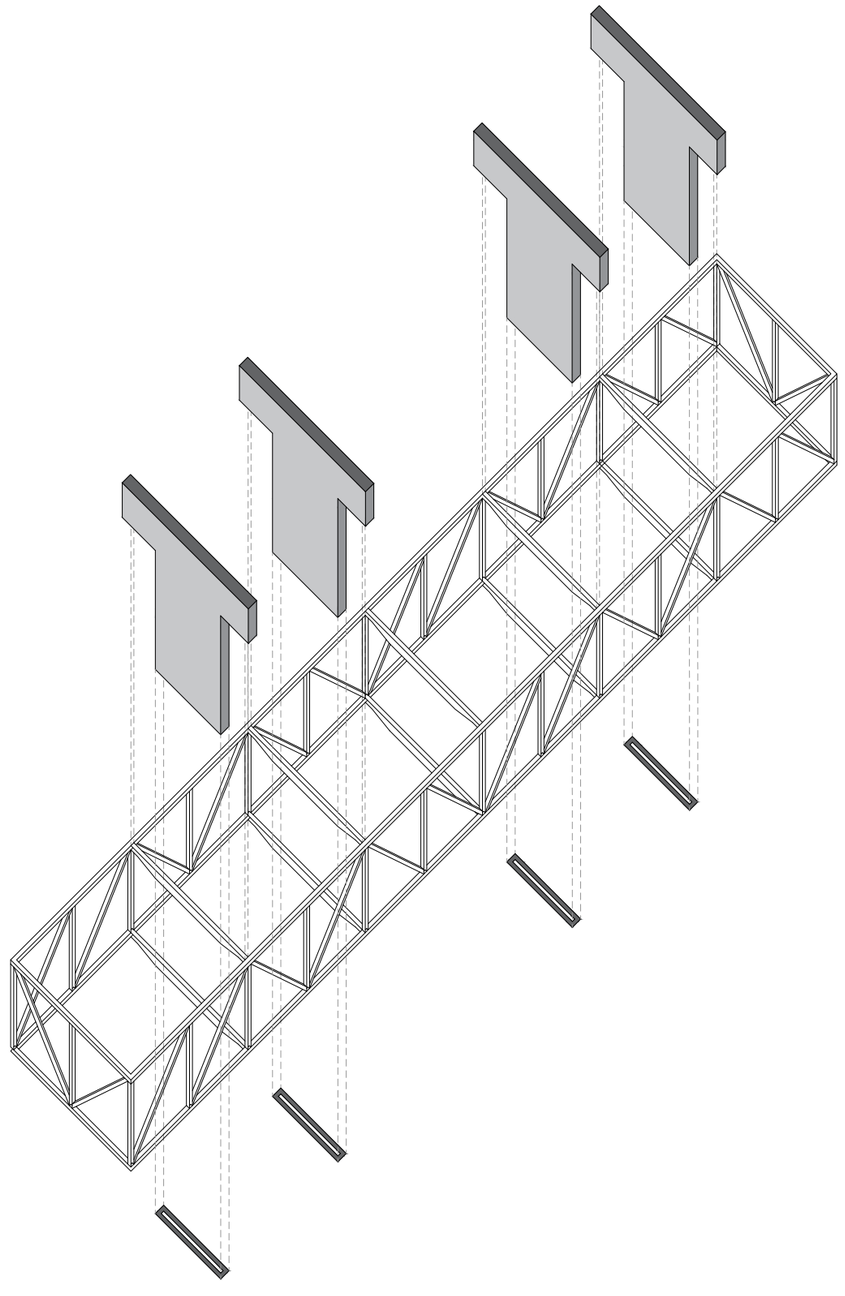


Figura 101 - Axonometria da estrutura do edificio.

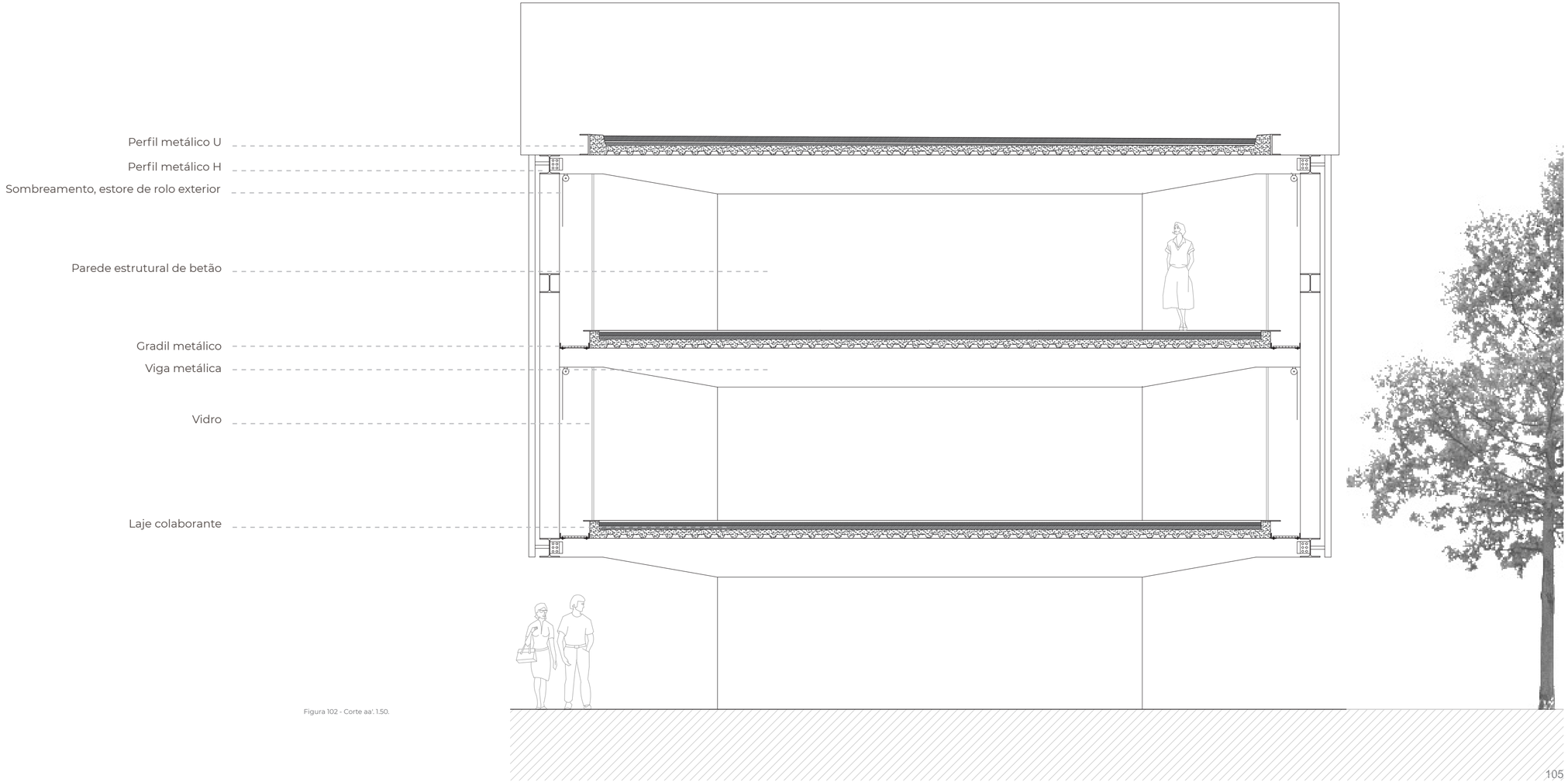


Figura 102 - Corte aa': 1.50.

Entre empenas - Ainda no mesmo quarteirão em questão é proposta uma zona de habitação coletiva que remata um dente em falta no limite sul do mesmo, encostando-se a uma das empenas pré existentes, mantendo o seu alinhamento. Sendo que é na altura em que não toca numa das empenas que permite o atravessamento para o interior do quarteirão, garantindo sempre uma permeabilidade visual com o mesmo.

O Ponto Final - A pequena zona de restauração que segue o alinhamento da Casa do Jardim vê-se como um ponto final no que toca à frente dada ao jardim. Aparece não só como forma de rematar o quarteirão, mas também como forma de preservar a natureza pré existente, onde, assim como no momento da porta do jardim, se fecha para si, mas garante sempre o seu atravessamento visual. Também neste momento é utilizado o gradeamento como divisor de espaços, separando o jardim público do jardim semi público da zona de restauração.



Figura 103 - Alçado Rua do Funchal. 1.1000.



Figura 104 - Fotomontagem representativa da Rua do Funchal.



Figura 105 - Planta. 1.500

3.3.1 Processo Criativo

Desde o início da reflexão sobre o espaço que a principal ideia era a criação de um grande espaço verde e a arborização de ruas.

Uma das primeiras questões levantadas foi tentar perceber como é que o grande espaço verde se iria relacionar com os quarteirões, sendo que, atualmente, os mesmos não se encontram encerrados neste lado norte, não permitindo uma leitura clara se onde acabam e onde o verde baldio começa. Existe, ainda, a Rua Doutor Carlos Alberto da Cruz Brocco que se olha como uma tentativa de abertura de uma avenida que ligasse a Avenida General Pedro Cardoso à Rua 31 de Janeiro. Então, obviamente que, numa primeira instância, se considera o seu prolongamento [Figura 106] adquirindo uma leitura de limite entre os quarteirões e o verde, que iria promover melhores ligações na cidade. Porém, esta ideia é rapidamente abandonada, pois percebe-se que esta intenção só iria promover o aumento de circulação de veículos na cidade, o que ia contra os princípios da proposta geral. Deste modo, a proposta mantém esta ligação, contudo apenas pedonal e ciclável.

Dando seguimento à questão anterior, percebe-se que o desenho do remate dos quarteirões é fundamental para que o espaço se torne mais claro na sua leitura e consequentemente na sua vivência. Deste modo, passa por se questionar em que quarteirões se deve intervir, e se os volumes propostos devem rematar a empena do edifício mais recente e seguir o seu alinhamento [Figura 109], ou se se rematam também as restantes empenas e consequentemente se cria um desvio na fluidez do espaço [Figura 108].

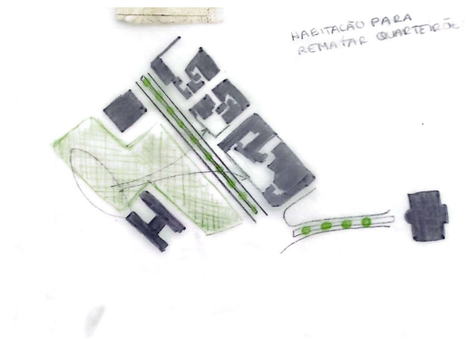


Figura 106 - Proposta inicial da ligação da Avenida General Pedro Cardoso com a Rua 31 de Janeiro

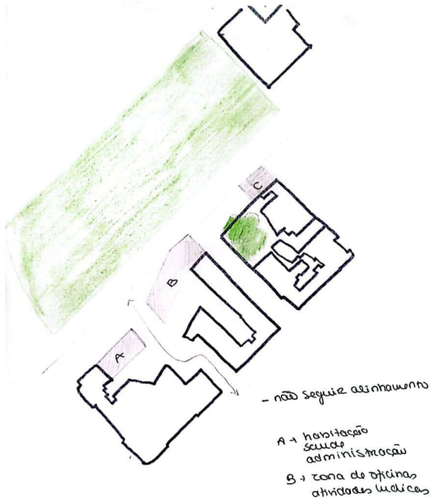


Figura 107 - Esquiço com estudo dos alinhamentos dos edifícios.

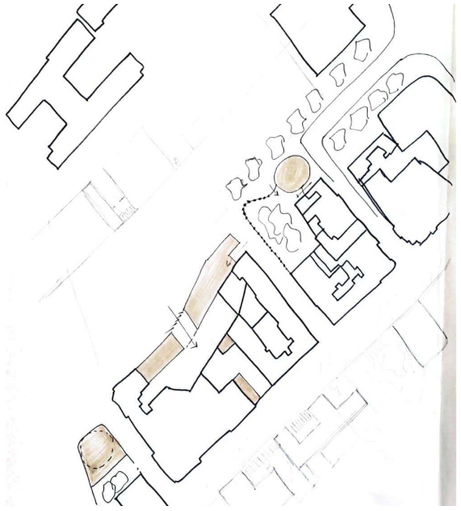


Figura 108 - Esquiço com estudo dos alinhamentos dos edifícios.

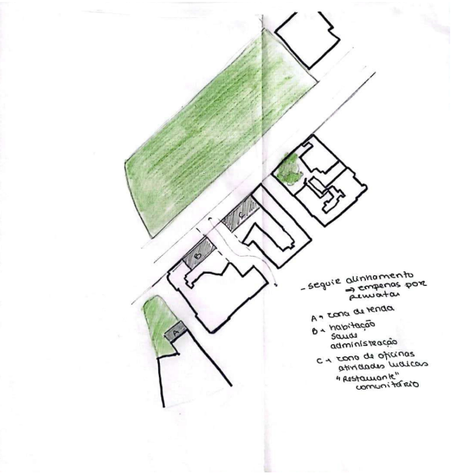


Figura 109 - Esquiço com estudo dos alinhamentos dos edifícios.

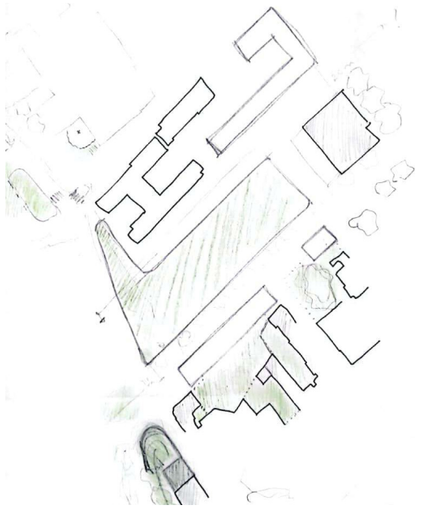


Figura 110 - Esquiço com estudo dos alinhamentos dos edifícios.

É de notar que inicialmente se visualizava o remate do quarteirão desenhado através de dois edifícios, isto, porque a intenção seria que o atravessamento do quarteirão fosse mais direto [Figura 111]. Contudo, ao longo do desenvolvimento da proposta, entende-se que o desenho do limite do quarteirão deveria ter uma voz independente da envolvente e é deste modo que se passa a desenhar através de um volume apenas [Figura 110]. É também a partir desta ideia que todos os volumes propostos, à exceção de um, se desligam das pré-existências, não se colando às mesmas, permitindo mais atravessamentos. Também é desde o início da reflexão que se tem como princípio que o piso térreo seja o mais livre possível, sendo que os edifícios se elevam do chão.

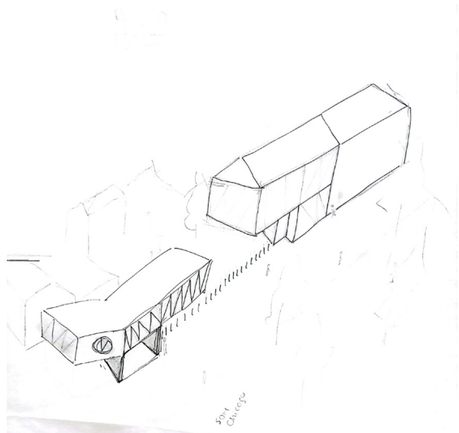


Figura 111 - Axonometria das primeiras ideias da proposta.

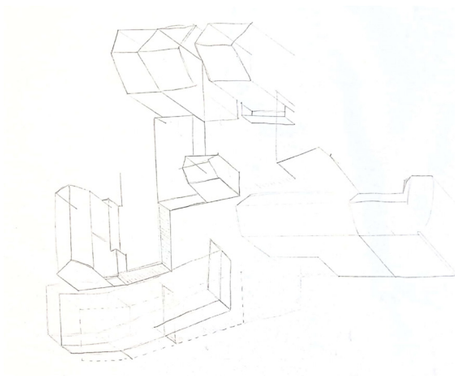


Figura 112 - Axonometria das primeiras ideias da proposta.

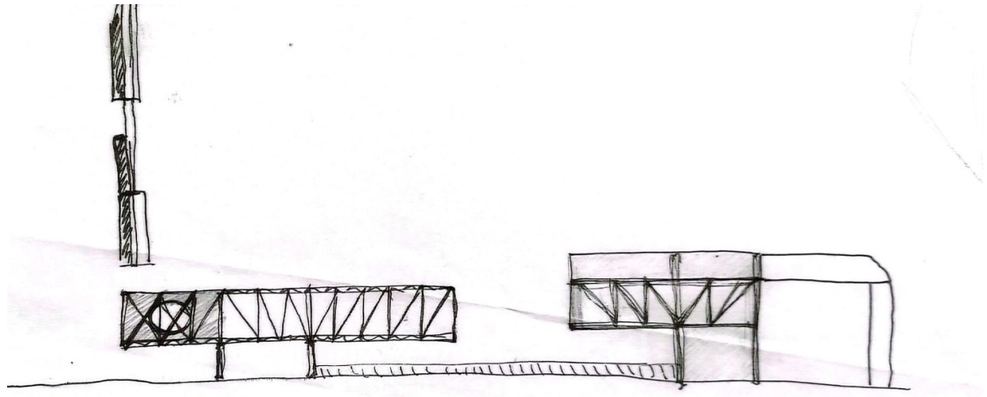


Figura 113 - Esquiço do alçado da proposta inicial.

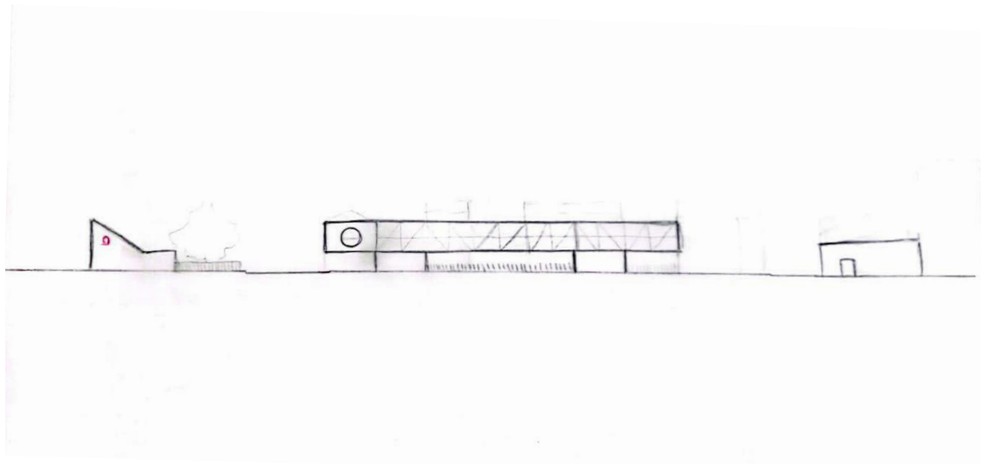


Figura 114 - Esquiço do alçado da proposta.

Inicialmente o edifício, anteriormente caracterizado como porta do jardim, desenhava-se enquanto um volume compacto que acompanhava o desenho da rua [Figura 115]. A ideia de o assumir como um elemento quase escultórico [Figura 116] vem da ideia de o reduzir à sua função: criar um lugar protegido do ruído. No início, o seu desenho é apenas uma linha grossa, mais tarde percebe-se que essa linha pode ganhar vida e ser um espaço também vivido. Como consequência deste pensamento, dá-se-lhe espessura e passa a ser habitável no seu interior.

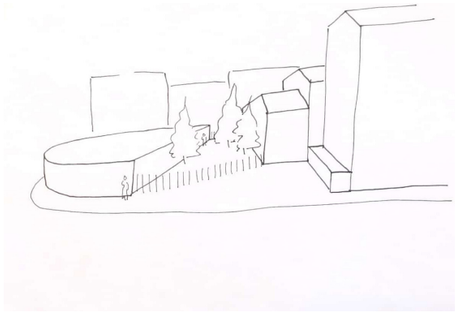


Figura 115 - Esquiço inicial da Porta do Jardim.

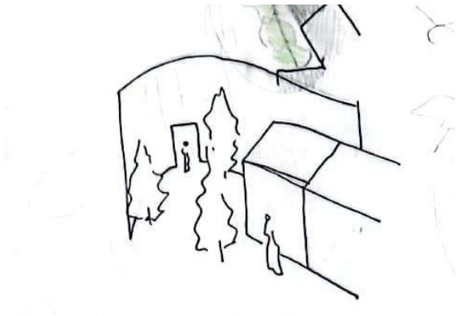


Figura 116 - Esquiço da ideia da proposta da Porta do Jardim.

4 Conclusões

As cidades estão em constante mudança e desenvolvimento, acompanhando o crescimento e evolução da sociedade, assim, é de esperar que nelas vão existindo vestígios das épocas passadas e marcas que se mantêm. Contudo, há lugares que mudam pouco na sua morfologia, não acompanhando o crescimento da envolvente. Estes lugares acabam por se desconectar da restante cidade originando espaços isolados e residuais.

A proposta apresentada ao longo do trabalho prevê o cerzir destes lugares com a restante cidade, promovendo espaços de qualidade e realçando as suas possibilidades de serem habitados. Durante o desenvolvimento do trabalho, o projeto foi-se desenhando em torno de uma ideia principal: a extensão do jardim público para o interior dos quarteirões, assegurando uma relação visual entre os dois espaços. Desta maneira, e através do estudo do espaço privado e do público, assim como as suas fronteiras, propõem-se espaços públicos e semi públicos seguros e vigiados por quem deles usufrui. O desenho do limite destes espaços e da Casa no Jardim consideram-se fulcrais enquanto elementos capazes de filtrar e regular a permebilidade entre o interior do quarteirão e o novo jardim.

Acredita-se que para melhorar os modos de vida da cidade das Caldas da Rainha não são necessárias grandes mudanças a grandes escalas e que com apenas pequenas intervenções em lugares estratégicos se pode criar um melhor espaço para se viver. Deste modo, considera-se que a proposta torna a zona norte da cidade, uma zona mais integrada e agradável, podendo assumir-se como uma zona de chegada à cidade. Com a clarificação, delimitação e requalificação dos espaços propostos será possível transformar um ambiente marginalizado e negligenciado num espaço intensamente vivido, acolhedor e seguro.

5 Mapa de Referências

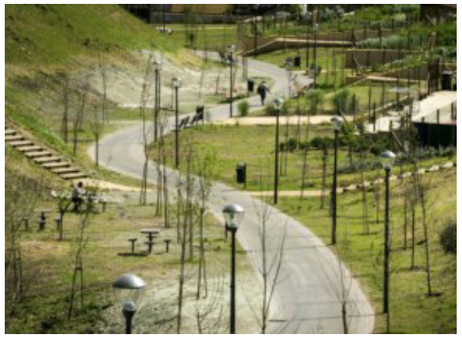


Figura 117- Corredor Verde, Gonçalo Ribeiro Telles,
Lisboa, 2012



Figura 118 - Playground, Aldo van Eyck
Amesterdão, 1965



Figura 119 - Jardim Fernando Pessa
Lisboa



Figura 120 - Taz, E2A
Berlim, 2018

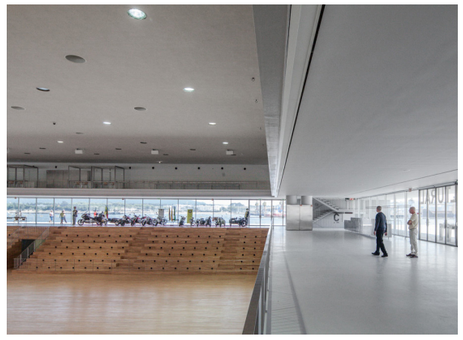


Figura 121 - Centro Cultural, Eduardo Souto de Moura
Viana do Castelo, 2013



Figura 122 - Poupatempo, Paulo Mendes da Rocha
São Paulo, 1999



Figura 123 - Museu dos Coches, Paulo Mendes da Rocha
Lisboa, 2015



Figura 124 - Centro Civivo, Gonçalo Byrne
Leiria, 2003-2011



Figura 125 - Shibaura House, Kazuyo Sejima
Tokyo, 2011.



Figura 126 - Museu de Arte, Lina bo Bardi
São Paulo, 1968



Figura 127 - Sede Sebrae, Luciano Margotto
Brasilia 2010

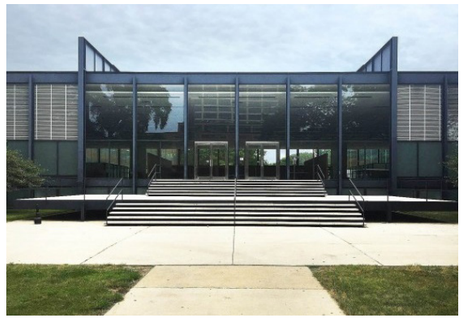


Figura 128 - IIT, Mies van der Rohe
Chicago,

Corredor Verde - Gonçalo Ribeiro Telles

O Corredor Verde de Lisboa, da autoria do arquiteto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles, foi idealizado nos anos 70, contudo, apenas foi concretizado em 2012. É considerado uma infraestrutura ecológica, albergando espaços verdes, ciclovias, pontes ciclopedonais, aparelhos de exercício físico, etc. Com a extensão de 2,5km, faz a ligação entre o Parque Eduardo VII e o Parque Florestal de Monsanto, promovendo um percurso agradável e melhorando a qualidade de vida em Lisboa. Gonçalo Ribeiro Telles terá pensado à frente do seu tempo quando desenhou o percurso em questão. Todos os problemas ambientais e a importância que deveria ser dada ao meio ambiente, eram temas ainda pouco discutidos em Portugal. Com a queda do Estado Novo, o arquiteto paisagista é convidado para secretário de Estado do Ambiente, 1974, começando a desenhar leis fundamentais para a defesa do meio ambiente (RIBEIRO, 2020). São também da sua autoria os jardins da Gulbenkian, o Parque José Gomes Ferreira, os jardins do Bairro das Estacas, entre outros.

Considera-se o Corredor Verde como uma referência fulcral para o início do desenvolvimento da estratégia de grupo, uma vez que se propõe o melhoramento de ligações dando primazia ao peão e a promoção de espaços verdes de qualidade na cidade.



Figura 129 - Corredor Verde, Ponte de Monsanto.



Figura 130 - Planta Corredor Verde.

Sede Sebrae - Luciano Margotto

A Sede Sebrae é um edifício projetado por Luciano Margotto, no ano de 2010, em Brasília. É um projeto que visa responder às características topográficas do lugar, assim como, garantir a máxima flexibilidade na organização do seu interior e obter «(...) ótimo desempenho ambiental e econômico» (SEBRAE, 2010, p.31). A sua implantação cria um pátio central a partir do qual se desenvolve o restante projeto ao seu redor, albergando zonas de treino, salas multiusos, auditórios, biblioteca e cafetaria.

A nível estrutural insere duas empenas estruturais laterais em betão, que carregam a circulação vertical e espaços para apoios. A sua estrutura é deixada aparente evidenciando a plasticidade dos materiais utilizados, aço e betão. E os quebra-sóis aparecem como elemento unificador do projeto. (SEBRAE, 2010, p.35)

A parte do edifício de maior interesse para o desenvolvimento da proposta do presente trabalho é a zona onde se inserem os escritórios. Uma lateral do edifício levantada do chão, constituída por duas treliças que distam 18m uma da outra, que para além de estarem apoiadas em pilares de betão dispostos de 15 em 15m estão, também, ligadas às empenas laterais. (SEBRAE, 2010, p.37) De modo a suportar grandes vãos utilizaram-se lajes com vigas de 80cm de altura. Os quebra-sóis, apoiam ainda numa estrutura secundária criando umas pequenas varandas de serviço.

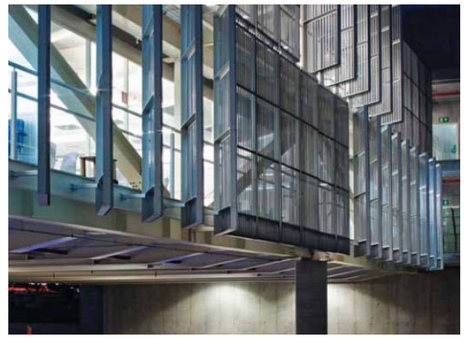


Figura 131 - Sede Sebrae, vista varandas de serviço.

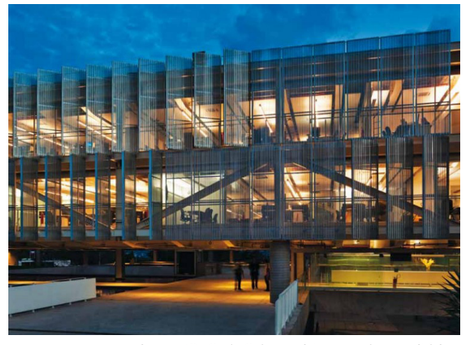


Figura 132 - Sede Sebrae, vista zona dos escritórios.

6 Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES - **Política**. Vega Universidade. Lisboa: 1998.

Blanchar, Clara - **Los beneficios para la salud mental de poder ver tres árboles desde casa. El País.** 2022 [Consult. 05 jan. 2023]. Disponível em WWW: <https://elpais.com/clima-y-medio-ambiente/2022-12-12/los-beneficios-para-la-salud-mental-de-poder-ver-tres-arboles-desde-casa.html?mid=DM159109&bid=1399822658>.

BENEVOLO, Leonardo – **História da Cidade**. Editora Perspectiva. São Paulo: 1997.

Caldas da Rainha, Centro Cultural de Congressos - **História Centro Cultural e de Congressos das Caldas da Rainha.** [Consult. 22 Agosto 2023]. Disponível em WWW: <https://www.ccc.com.pt/ccc/historia-valores-missao/20-historia-valores-missao>.

CAMARA MUNICIPAL DAS CALDAS DA RAINHA. **TOMA**. Projeto Piloto de Transporte Urbano [Em linha]. Caldas Da Rainha. [Consult. 26 Set. 2022] Disponível em: http://www.rb.mcr.pt/webcenter/portal/oracle/webcenter/page/scopedMD/s3cb489dd_3d2a_4d93_b095_c496cec0b515/PortalHome.jspx?wc.contextURL=%2Fspaces%2Fmcr&_afrLoop=58578830046365616&_adf.ctrl-state=1bbg00euif_26&lado=esquerda&hide=s#!%40%40%3F_.

CAMARA, Teresa – **Parque D. Carlos I – Parque das Termas das Caldas da Rainha**. [Consult. 16 Ago. 2023]. Disponível em WWW:http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=22171

CAMUS, Albert - **A Peste**. Gallimard. Paris: 1947.

CARERI, Francesco - **Walkscapes: El Andar Como Práctica Estética**. Editorial Gustavo Gili, SL. Barcelona: 2002.

Censos 2021. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. [Consult. 08 out. 2022. Last Update Date: 2022]. Disponível em WWW: <https://www.ine.pt/scripts/db_censos_2021.html>

Dados retirados de Observatório das Migrações – Imigração em Números, Relatório de Estatística Anual, 2021, p. 49.[Consult. 28 fev. 2023]. Disponível em WWW: <https://ec.europa.eu/migrant-integration/system/files/2021-12/Relat%C3%B3rio%20Estat%C3%ADstico%20Anual%202021.pdf>

Decreto-Lei n.º 572-A/99, de 29 de Dezembro. Ministério das Finanças. Publicado no Diário da República n.º 301 - Suplemento, Série I-A, de 29 de Dezembro de 1999. [Consult. 22 Agosto 2023]. Disponível em WWW: <https://diariodarepublica.pt/dr/legislacao-consolidada/decreto-lei/1999-169689489>.

Diário de Notícias - **Mil pessoas contestam demolição da antiga fábrica Secla nas Caldas da Rainha**. 2018. [Consult. 22 Agosto 2023]. Disponível em WWW: <https://www.dn.pt/lusa/mil-pessoas-contestam-demolicao-da-antiga-fabrica-secla-nas-caldas-da-rainha-10212030.html>.

DUARTE, Bruno - **Reabilitação da Fábrica de Cerâmica "SECLA" em Caldas da Rainha**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2011. Dissertação de Mestrado.

FIGUEIREDO, Vítor - **Livro Prémio SECIL de Arquitetura**. ESAD, Caldas da Rainha, 1998.

Gazeta das Caldas - **Ontem e Hoje**, 2012. [Consult. 22 Agosto 2023]. Disponível em WWW: <https://gazetadascaldas.pt/sociedade/ontem-hoje-18/>.

GEHL, Jan - **Cidades para pessoas**. 2ª edição, São Paulo, 2014.

GOMES, Saúl António - **As Cidades Têm uma História: Caldas da Rainha das Origens ao Século XVIII**.1ª ed. Caldas da Rainha: PH - Estudos e Documentos, 1994.

HERTZBERGER, Herman - **Lições de arquitetura**. 2ªedição, São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HIPÓLITO, Ricardo - **O turismo nas Caldas da Rainha do século XIX para o século XX (1875- 1936)**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2014. Dissertação de mestrado.
Nova Enciclopédia Larousse. Ed. n.º 3891, vol. VI.Círculo de Leitores. Lisboa: 1994.

JACOBS, Jane - **Morte e vida de grandes cidades**. 3ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 2011.

Jornal das Caldas - **Moagem centenária acolhe projetos empreendedores**. 2021. [Consult. 22 Agosto 2023]. Disponível em WWW: <https://jornaldascaldas.pt/2021/05/04/moagem-centenaria-acolhe-projetos-empreendedores/>.

MANGORRINHA, Jorge – **O Lugar das Termas**. Lisboa: Livros Horizonte, 2000.

MARSHALL, P. Katz – **Cerâmica das Caldas da Rainha – Estilo Palissy 1853-1920**. Edições INAPA, 1999

MARTINHO, Mariana - **Memórias do Cine-teatro Pinheiro Chagas, do Salão Ibéria e da cinematografia. Jornal das Caldas**, 2017. [Consult. 22 Agosto 2023]. Disponível em WWW: <https://jornaldascaldas.pt/2017/04/18/memorias-do-cine-teatro-pinheiro-chagas-do-salao-iberia-e-da-cinematografia/>.

MATIAS, Cecília - **Hospital de Santo Isidoro / Escola Superior de Artes e Design (ESAD) das Caldas da Rainha**. [Consult. 22 Agosto 2023]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=28094>.

Mendonça, Adalton M. - **Vazios e ruínas industriais, Ensaio sobre friches urbaines**. Vitruvius. 014.06. ano 02, jul. 2001. [Consult. 03 mar. 2023]. Disponível WWW: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.014/869>.

NARCISO, Natacha - **Recordar a Secla que, se existisse, teria 70 anos**. Gazeta das Caldas, 2018. [Consult. 22 Agosto 2023]. Disponível em WWW: <https://gazetadascaldas.pt/sociedade/recordar-secla-existisse-teria-70-anos/>.

NETO, Jaime - **Ontem e Hoje**. Gazeta das Caldas, Caldas da Rainha, 2014.

NEWMAN, Oscar - **Creating defensible spaces**. Washington, DC: U.S. Department of Housing and Urban Development, 1996.

OLIVEIRA, Filipa-**Os Espaços Públicos das Caldas da Rainha: Regeneração Urbana e Identidade** (Dissertação de Mestrado). Lisboa: Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa, 2016.

ORTIGÃO, Ramalho - **Banho das Caldas e Águas Mineraes**. Porto: Livraria Universal, 1975.

PEREIRA, Manuel - **Ontem e Hoje**. Gazeta das Caldas, Caldas da Rainha, 2014.

PINHEIRO, Paula Moura. (2019), Visita Guiada: Hospital Termal das Caldas da Rainha Ep.7, [Consult. 27 Dez. 2022]. Disponível em WWW: https://www.rtp.pt/play/p5656/e406727/visita-guiada

PINTO, Paulo - **Os Dias da História - Levantamento militar nas Caldas da Rainha**. Antena 2, 2018. [Consult. 22 Agosto 2023]. Disponível em WWW: <https://ensina.rtp.pt/artigo/levantamento-militar-nas-caldas-da-rainha/> .

RAPOSO, Beatriz - **Cumprem-se hoje 62 anos da mudança do RI5 dos pavilhões do parque para o novo quartel**. Gazeta das Caldas, 2015. [Consult. 22 Agosto 2023]. Disponível em WWW: <https://gazetadascaldas.pt/sociedade/cumprem-se-hoje-62-anos-da-mudanca-do-ri5-dos-pavilhoes-do-parque-para-o-novo-quartel/> .

Região de Leiria - **Edifício da ESAD das Caldas da Rainha classificado monumento de interesse público**, 2022. [Consult. 22 Agosto 2023]. Disponível em WWW: <https://www.regiaodeleiria.pt/2022/08/edificio-da-esad-das-caldas-da-rainha-classificado-monumento-de-interesse-publico/>.

RIBEIRO, Luís - **Gonçalo Ribeiro Telles, o guerreiro incansável**. 2020. Visão. [Consult. 20 Set. 2023] Disponível em WWW <https://visao.pt/visao_verde/ambiente/2020-11-11-goncalo-ribeiro-telles-o-guerreiro-incansavel/>.

ROCHA, Fernando - **O largo do Burlão**. Jornal das Caldas, 2008. [Consult. 22 Agosto 2023]. Disponível em WWW: <https://jornaldascaldas.pt/2008/12/23/o-largo-do-burlao/> .

RODRIGUES, Luís Nuno [et.al.] - **Terras de Água - Caldas da Rainha, História e Cultura**. Câmara Municipal das Caldas da Rainha, 1993.

RODOVIÁRIA DO OESTE. Rede de Transportes. Carreiras Interurbanas Rocaldas. Caldas Da Rainha. [Consult. 26 Set. 2022] Disponível em: http://rodoviariadooeste.pt/rede-de-transportes e POLITÉCNICO DE LEIRIA. Mapa da Cidade. Caldas da Rainha Mapa da Cidade [Em linha]. Caldas Da Rainha. [Consult. 06 Out. 2022] Disponível em: < https://www.ipleiria.pt/esadcr/wp-content/uploads/sites/17/2022/03/MAPA-C-EDIFICIOS.pdf.>

ROSSI, Aldo - **A Arquitetura da Cidade**. Reimpressão 2021. Edições 70, 2018.

ROSSI, Aldo - **A Arquitetura da Cidade**. Edições 70. Lisboa: 2021.

SARAIVA, José - **Caldas, Capital por Conta Própria**. 2002 [Consult. 27 Dez. 2022]. Disponível em WWW: <https://www.youtube.com/watch?v=VPNFfHkxzMI >.

SERRA, João Bonifácio - **21 anos, pela História, Caldas da Rainha**. Caldas da Rainha: PH - Estudos e Documentos, 2003.

SERRA, João Bonifácio [et.al.] - **Linha do Oeste: Óbidos e Momentos Artísticos Circundantes**. Assírio&Alvim, 1998.

SERRA, João Bonifácio - **Caderno de História Local: Introdução à História das Caldas da Rainha**. Património Histórico - Grupo de Estudos, 1995.

SERRA, João Bonifácio [et.al.] – **Terra de Águas – Caldas da Rainha História e Cultura**. Câmara Municipal das Caldas da Rainha, 1993.

SOUSA, Mercês - **Ontem e Hoje**. Gazeta das Caldas, Caldas da Rainha, 2014.

UNWIN, Simon - **Análisis de la arquitectura**. Barcelona: Agencia Literaria Eulama, 2003.

WIRTH, Louis - **Urbanism as a Way of Life**, in Community life and social policy, selected papers edited by E. Wirth Marwick and A. J. Reiss Jr. University of Chicago Press. Chicago: 1956.

ZEVI, Bruno - **Saber ver a arquitetura**. 5ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 1996.